

THEATRON

I.

M. 64

111 = 0 =

ERNESTO CIBRÃO.

LUIZ

DRAMA ORIGINAL EM TRES ACTOS.

REPRESENTADO

No Gymnasio Dramatico do Rio de Janeiro em 1859.

RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DE SOARES & IRMÃO

RUA DA ALFANDEGA N. 6.

1860.

Este drama, embora impresso, não póde ser representado sem licença do auctor.



92736 RR
1950

113 27.12
16.2.1950

à Sam.ª Suc.ª

D. THEREZA DE KRUGER CIBRÃO

Em testemunho de respeito, amor e saudade

CONSAGRA

O seu filho

Genesio.

AOS SEUS AMIGOS

Em testemunho de gratidão

O. e D.

O autor.

JUÍZO CRÍTICO.

(Fragmentos de uma carta.)

ERNESTO,

.....
..... Se a voz do amigo deve ser animadora, também deve ser inexorável para os vícios remediáveis. Irei defendê-lo em público, mas aqui, no canto desta carta, hei de dizer-lhe o que todos sabem,— é que não ha nada perfeito, e que a sua obra é como todas as creações do espirito e da natureza. Em que está o erro?

Irei apontal-o em sua origem. O erro não é puramente seu, pertence á epocha. Shakespeare vestio a musa tragica com as roupas de Arlequin; Victor Hugo,— a face severa da poesia,— rodeou-se dos grupos grotescos da arte gothica; com tão bons mestres não era humilhante participar de um defeito. As nossas escolas contemporaneas de arte dramatica,— romantica ou social, convencional ou realista,— medraram nos braços daquelles dons gigantes de poesia, e delles tiraram as formosuras e defeitos de suas composições. O drama modernissimo, que foi buscar a lucta das classes sociaes, da intelligencia com o dinheiro, da astucia com a honradez,— novas scenas, para substituir as da epocha feudal, que haviam naufragado perante o espirito methodico de nossas sociedades burguezas,— se mudou de assumpto, não mudou de contextura artistica. Não deu ao drama de paixões a magestade da tristeza; mesclou os generos, para satisfazer ao publico. Todos sabem que o publico de outr'ora era modificado pelas lições da scenaa, hoje o publico é quem ao contrario a modifica. Já não ha trabalho de arte para simples gloria; de instructora da sociedade, a musa da tragedia fez-se corretora de fundos; talha as suas accões ao alvedrio da praça,— ha talões

JUÍZO CRÍTICO.

(Fragmentos de uma carta.)

ERNESTO,

.....
..... Se a voz do amigo deve ser animadora, também deve ser inexorável para os vícios remediáveis. Irei defendê-lo em publico, mas aqui, no canto desta carta, hei de dizer-lhe o que todos sabem, — é que não ha nada perfeito, e que a sua obra é como todas as creações do espirito e da natureza. Em que está o erro?

Irei apontal-o em sua origem. O erro não é puramente seu, pertence á epocha. Shakespear e vestio a musa tragica com as roupas de Arlequin; Victor Hugo, — a face severa da poesia, — rodeou-se dos grupos grotescos da arte gothica; com tão bons mestres não era humilhante participar de um defeito. As nossas escolas contemporaneas de arte dramatica, — romantica ou social, convencional ou realista, — medraram nos braços daquelles douts gigantes de poesia, e delles tiraram as formosuras e defeitos de suas composições. O drama modernissimo, que foi buscar a lucta das classes sociaes, da intelligencia com o dinheiro, da astucia com a honradez, — novas scenas, para substituir as da epocha feudal, que haviam naufragado perante o espirito methodico de nossas sociedades burguezas, — se mudou de assumpto, não mudou de contextura artistica. Não deu ao drama de paixões a magestade da tristeza: mesclou os generos, para satisfazer ao publico. Todos sabem que o publico de outr'ora era modificado pelas lições da scenas, hoje o publico é quem ao contrario a modifica. Já não ha trabalho de arte para simples gloria; de instructora da sociedade, a musa da tragedia fez-se corretora de fundos; talha as suas acções ao alvedrio da praça, — ha talões

para todas as credulidades, estatutos para todas as conveniências.

Felicito-o, meu amigo, por ter-se elevado acima destas baixezas. A sua linguagem franca, que bate em brecha os felizes da epocha, não pôde agradar aos nobilitados da revolução, que adormeceram sobre o holocausto do povo, bebendo á saúde da ordem social.

A sua concepção de Luiz, mancebo baptisado na pia do povo, mas provindo de sangue velho, participando deste na antiga generosidade das acções, daquelle nos instinctos democraticos, — grande em seu amor em sua crença, e em sua abnegação, é realmente digna de um caracter como o seu. ELISA, a menina innocente, que ama com a cegueira dos primeiros affectos, que tem a religião da fraternidade das grandes almas, que firma a sua fé no desinteresse, e que morre porque não pôde mais amar, une ao suave colorido das creações germanicas, os transportes da *Castro de Ferreira*. O mais nacional de todos os nossos poemas dramaticos. BALTHASAR, é tambem um typo exacto do homem rustico de linguagem, mas honrado de coração; quizera eu que mais scenas de aatividade lhe delineassem com claresa o caracter, mas a propria singelesa, com que o caracterizou, tem um merito grande, — é a naturalidade. Estas personagens animão o seu drama, dão interesse a todas as situações, e dão-lhe mais do que o interesse, dão-lhe tambem a sympathia do espectador.

O segundo acto é o mais rico de situações felizes. A sua imaginação é fertil talvez em demasia na criação do enredo. Lope de Vega, e Mendes Leal, não serão nunca mais do que os representantes legitimos das fantasias peninsulares; uma comedia de Scribe mal chega para uma scena destes fortes imaginadores. A sobriedade tem contudo algum valor, pois quasi sempre exclue a inverosimilhança. Crear muitas peripecias, é suscitar muitas difficuldades, e a acção soffre sempre alguma mutilação, ou algum enxerto para vencer-se o passo arriscado. Mas contudo, a maneira habil, por que o meu amigo fez a exposição do drama, tornou o enredado da acção

menos sensível, e dando ao espectador explicações naturaes dos factos, tapou-lhe a bocca para a critica.

O que lhe asseguro do segundo acto, — em que ha as duas bellas scenas do *Morgado e Elisa*, e desta e Luiz, que são correctas de linguagem, dignas da situação, impecaveis segundo a arte, — quizera tambem dizer-lhe do resto do drama. Mas o primeiro acto superabunda talvez na parte comica, e o terceiro requer mais scenas graves, e mais correccão no papel do veterano Joaquim. Não lhes nego comtudo muitas bellezas; pequenos retoques os collocarão ao par do seu irmão mais formoso.

A linguagem de suas personagens é apropriada. *Elisa* é tanto mais agradavel na singelesa de suas primeiras fallas, quanto estas fazem resaltar a sua energia nas occasiões importantes. A theoria dos contrastes nem sempre leva a exagerações: as côres alegres illuminam-se com o fundo negro de um quadro, — a innocencia abrilhanta-se com os rasgos da dedicacão.

Dispense-me de dizer-lhe tudo o que sinto. A minha linguagem rude não pôde saudal-'o com toda a delicadeza d's espiritos eruditos. Critiquei-o, mas tambem o applaudo. Nas festas do circo talvez que os applausos do patricio valham menos que os do campesino. Para nós homens do povo a arte não é um officio, é um sacerdocio. Applaudimos as vocações, e expellimos os zangões desta praça, em que, se não ha dinheiro a ganhar, ha comtudo alguma gloria.

Abraço-o pela sua feliz concepção.

Rio, 9 de Junho de 1859.

RIINALDO CARLOS MONTÓRO.

O auctor, tomando na devida conta a opinião do illustre critico e a de outros amigos, acq'lamente habilitados para o aconselharem, — corrigiu, como pôde, os defectos apontados.

Ainda assim não se crê digno de applauso; a emenda, posto que de bom conselho, pode, por mal executada, envolver um erro igual ao que se deseiou remediar.

Accrescendo a isto os que, porventura, hajam escapado, occultos no bem querer da amizade, o auctor colloca o seu — LIVRO — á sombra da benevolencia publica.

TRANSCRIPÇÃO. 7

REVISTA POPULAR de 5 de Outubro de 1859.

Entremos agora no Gymnasio. O artista Furtado Coelho faz o seu beneficio; a sala está radicalmente cheia; representa-se o novo drama *Luiz*, original do Sr. Ernesto Cibrão.

Ergue-se o panno, começa o espectáculo. As primeiras scenas preparao o espectador para assistir á exhibição de um lindo poema; as ultimas confirmão a belleza do trabalho elaboradõ pela imaginação do poeta.

Parecia-me impossivel, que de uma fita já amarrotada e gasta, se conseguisse formar uma rosa brilhante e assefinada: por outra, nunca acreditei que dos preconceitos da fidalguia, quando combate os amores do plebeu, se pudesse tirar maior partido do que já o linhão fe'to os auctores dos dramas *Por direito de conquista*, *Nobreza d'alma*, *Luiza*... e dez, e cem outros.

Enganava-me: hontem ainda parecia-me que não; hoje arrependo-me do erro.

O trabalho do Sr. Cibrão, que na idéa principal assimilha-se ao daquelles, differe inteiramente na distribuição scenica e nos lances dramaticos: é metal servido, que o auctor fundiu, para crear uma estatua de elevado merito.

Não penseis entretanto, que o *Luiz* esteja isento de todos os defeitos, era preciso ser por demais exigente, para querer tanto. Este drama é a primeira producção de um moço, que se dedica ao commercio; é o canto meigo do poeta, e ainda não a composição do artista; retrata o sentimento e não a execução.

(*) Julgamos dever aqui pôr a opinião, que, sobre o merecimento e execução deste drama, formou o primeiro jornal litterario do Brasil.

O Sr. Cibrão teve desejos de encurtar o dialogo, essa hydra do auctor dramático, e por isso multiplicou as entradas por personagens; quiz dar maior energia à acção, e deixou por duas vezes vazia a scena. Estes e outros pequenos defeitos, que se veem unicamente na fórma, são occasionados tanto pela inexperiencia, como pelo temor de desagradar ao espectador.

Tão mesquinhos e de culpaveis os considero, que vos convido a ir ao Gymnasio applaudir o novo drama. Se o auctor fôr chamado á scena, como aconteceu na noite da primeira representação, não deis ouvidos aos criticos; ajudai-me a tecer uma corôa de louros para depositar-lhe sobre a fronte, e acclamai-o digno emulo da eschola franceza.

Os artistas, que interpretarão o drama, excederão-se no bom desempenho dos seus papeis. A Sra. Gabriella ostentou todas as galas do seu elevado talento, esteve inimitavel; e se não tivesse já firmado a sua reputação de grande actriz, ninguem lh'a negaria naquella occasião.

Os Srs. Furtado, Joaquim Augusto, Montinho e Graça, disputarão entre si a palma do vencedor na lucta, que travarão para mais cabalmente desempenharem as partes de que se encarregáram: nenhum a obteve; todos se mostrarão iguaes no movimento, todos forão com justiça e sem distincção freneticamente applaudidos.

Com artistas desta categoria, não ha theatro que deixe de prosperar, ainda quando se lhe negue a tal subvenção animadora da preguiça.

CARLOS.

PERSONAGENS.

O MORGADO DE VALLINDO, 30 annos. . .	Sr. Joaquim Augusto.
ELISA, sua filha, 19 annos	Sra. D. Gabriella da Cunha.
LUIZ, 21 annos.	Sr. Furtado Coelho.
BALTHASAR lavrador, 33 annos. . .	Sr. Moutinho de Sousa.
DUARTE DE MORAES, fidalgo, 42 annos	Sr. Heller.
JOAQUIM, cabo de veteranos, 45 annos .	Sr. Graça.
FRANCISCO, criado.	Sr. Galdino.

Um padre velho, criados e criadas.

ACTUALIDADE

Em Portugal, nas proximidades de Vianna do Castello.

LUIZ.

ACTO I.

Sa'a em casa do Morgado de Vallindo.— Portas lateraes, e duas ao F.— A' E. um piano; á D. um sophá; duas cadeiras de estofa na D. alta, junto de uma mesa.— Riqueza e bom gosto.— Scena vasia.

SCENA I.

ELISA.

(Entra do F. E.; vae cautellosa á porta da D. e vem á secreta.)

Dorme. Ainda bem, que está restabelecido.... ainda mal, que vai deixar-me. Como elle é bom! E haviam de roubar-o assim ao mundo.... a mim, que sou tão sua amiga, e até... *(hesita)* Ora, porque heide negar que o amo! *(Está proxima do piano, senta-se distrahadamente emquanto falla, e dá um arpejo.)* Não me disse elle que sou o seu anjo na terra, emquanto sua mãe o é no céu? *(Tira um papel do seio.)* Não me disse que me ama? Está aqui escripto. *(Lê:)*

Como o ribeiro, que desdobra rapido
Ama da estrella o scintillar inquieto,
Amo teus olhos, que no fogo timido
Vem reflectir-se...

(Assustada, como tendo sentido algum ruído, mette o papel no seio e levanta-se. Depois de um momento vae observar ás portas do F. e á da D.) É elle!... *(Esconde-se em um quarto.)*

SCENA II.**LUIZ, E DEPOIS ELISA.**

LUIZ.

Entra, observa se está só, dirige-se ao piano, senta-se e recita, acompanhando-se. Elisa apparece.

Como o ribeiro, que desdobra rapido,
Ama da estrella o scintillar inquieto,
Amo teus olhos, que no fogo tímido
Vem reflectir-se no sonhar dilecto.

Como na praia do areal um atomo
Ama das ondas o partir nevado,
Amo teus risos que descobrem pérolas
Dormiudo em leito de setim rosado.

Cemo dos ramos no arquejar monotono
Ara a avezinha balançar-se á briza,
Amei teu seio, no palpíte languido,
Quando a meu seio te prendia, Elisa.

E como o bardo, no sonhar phantastico,
Ama a lembrança, que levou da festa,
Adoro o sonho, que desbarga balsamos,
Amo a saudade, que de ti me resta.

ELISA.

Desta ultima quadra é que eu não gosto nada.

LUIZ.

Levantando-se. Mesmo nada?

ELISA.

Mesmo nada, nada. Então araa a saudade que de mim
lhe resta? Só resta saudade?

LUIZ.

E a que posso eu mais aspirar? O coração, que foi um

momento feliz, tem o direito da recordação, o balsamo da saudade e a obrigação do silencio. Tanto não pude eu, mas poderei — que remedio! — e de fucturo calar-me-hei, minha senhora.

ELISA.

Que estás ahí dizendo?

LUIZ.

O que a razão aconselha (*á parte*)... e o coração reprova.

ELISA.

E se eu ficar de mal?

LUIZ.

Não ficará. Indifferença... Oh! isso não, que o seu coração é bom... De resto... odio?... O filho de um lavrador não vale os odios de uma fidalga, como lhe não merece... o amor... (*á parte*) e merecia.

ELISA.

E quem é essa fidalga, Luiz?

LUIZ.

É vossa excellencia.

ELISA.

Ah! a minha *excellencia* vae ficar de mal com a sua *mercé*. (*Voltando-se arrufada*) É eu que pensei...

LUIZ.

O que, sra. D. Elisa?

ELISA.

Eu não fallo com o senhor.

LUIZ.

(*Momento de silencio.*) Que será preciso fazer para conseguir a paz?

ELISA.

A mim é que o vem perguntar?

LUIZ.

Pois a quem, senão a vossa excellencia?

ELISA.

Pois sim... Aqui a dar-me *excellencia*, como fará as outras senhoras.

LUIZ.

Pois como heide eu tratá-la?

ELISA.

Como me tratou ante-hontem, quando me deu aquelles versos?

LUIZ.

Foi uma loucura; — a febre ainda vivia, e eu não soube o que fiz. Vinha pedir-lhe perdão.

ELISA.

De que, Luiz!

LUIZ.

Pois não vê a distancia que o nascimento collocou entre nós? A filha do Morgado de Vallindo... e o filho do jornaleiro Balthasar... Pois não vê a differença?

ELISA.

Este mundo é bem mal feito!... Pois que tem? Tu és pobre, e eu sou rica... eis tudo. Mas de que me serve a riqueza, a mim só? Eu quero dividil-a contigo. Olha, se tu fosses fidalgo e rico, e eu fosse filha do honrado Balthasar, não me querias?

LUIZ.

Oh! se queria! E como nós seríamos felizes! Como a vida passaria doce!

ELISA.

Sim; correríamos alegres pelo campo. Tu defender-me-hias dos perigos, eu pagar-te-hia com... flores. Sim, teu pae virá viver connosco, e não será mais jornaleiro.

LUIZ.

Ah !... é verdade... Mas não pôde ser.

ELISA.

Não pôde?

LUIZ.

Não. Olha, Elisa, a sociedade é má, embora o individuo seja bom. Não se pergunta quem é o homem, senão para se conhecer onde está collocado na escalla social. Quem tem mais dinheiro, mais sobe. O crime já não pesa na consciencia de quem o perpetra ; as suas consequencias já se não dividem entre o criminoso e a victima ; ficam todas sobre esta. A sociedade desmorona-se, porque a sua base, e a sua vida, é a religião do Christo, e Christo não pôde presidir ao roubo do agiota, á corrupção do magistrado, ao sophisma das leis, á delapidação dos cofres publicos, á fraude do commerciante, á perdição das mulheres e á vergonhosa indolencia dos povos. No meio deste naufragio de todas as virtudes civicas, eu poderia merecer-te, aos olhos dessa gente, se fosse rico, e me deixasse baptisar no gabinete de um ministro ; mas eu sou pobre, honrado embora, e conservo o nome de minha familia. Vês, Elisa ? teu pae tem em muita conta as exigencias sociaes, e a sociedade exige que eu, quando muito, vá receber as ordens, para que me habilitei.

ELISA.

Fazeres-te padre ! Não me havias tu promettido que renunciarias a esse intento ? Pois, se nós queremos viver um para o outro, quem poderá impedil-o ? Teu pae ?...

LUIZ.

Esse ?...

ELISA.

Pois quem, então ? Ha uma pessoa que o poderia fazer, e com quem tu foste bem injusto ; porque elle, o meu *papá*, não ambiciona senão a minha ventura. O mundo não será tão máu, assim ; e que o seja, deixal-o ; não nos importaremos com elle. O *papá* é discreto ; se não

approvasse o nosso amor, teria obstado a que nos vissemos ; porém elle, que desde a infancia nos deixa passear juntos pelas campinas.. elle, que te deve a minha vida, que salvaste com risco da tua, não quererá separar-nos agora, que isso nos é impossivel. Depois... olha, hontem o *papá* já me fallou do fucturo, e eu aventurei algumas palavras, que o fizeram sorrir. Vês?... Elle approvará.

LUIZ.

Á parte) Oh ! meu coração ! illude-me tambem !

ELISA.

Não ficas muito contente, Luiz ? não te alegra a minha revelação ?

LUIZ.

Oh ! se alegra, Elisa ! E pois que tu me amas...

ELISA.

Sim, desde a infancia ; não é verdade ? E só ante-hontem o soubemos !

LUIZ.

Pois que eu te amo, tambem, seremos felizes !

ELISA.

Oh ! muito felizes !

LUIZ.

Liguemos os nossos corações contra a desgraça ; ella não será mais forte. (*Abraça-a, e beija-a na testa. Ouve-se a voz de Balthasar dentro.*)

BALTHASAR.

Eu lá vou ter, Sr. Morgado. (*Elisa e Luiz separam-se rapidamente ; este apoia as mãos nas costas do sophá ; aquella senta-se ao piano e preludia uma valsa.*)

ELISA.

Ha de emendar aquelles versos, sr. Luiz.

SCENA III.

ELISA, BALTHASAR E LUIZ.

(*Vem do F. D. Tem ouvido, ao entrar, o que diz Elisa.*)

Ora louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo ! Falla-se por aqui em versos !... *Oh!*...

LUIZ.

(*Sahindo-lhe ao encontro, respeitosamente*) A bençãam, meu pae.

BALTHALAR.

Deus te faça um santo, rapaz. Menina Elisa, como passa v. ex., sra. Morgada !

ELISA.

Estou boa. muito obrigada, sr. Balthasar.

BALTHASAR.

Então ia tocar uma *módinha*, não ?

ELISA.

Ia ; mas queria pedir a seu filho que emende os versos.

BALTHASAR.

Eh ! que cá o Luiz fal-os como um *home*. (*A Luiz*) Pois emenda-lhe a cantiga ; lá se está pequena, emenda-lh'a.

LUIZ.

Sim, senhor.

ELISA.

Não é isso, sr. Balthasar ; é que não está boa uma quadra.

BALTHASAR.

Pois seja o que fôr, sra. Morgada ; — *ou ella!* Pois de que servem aos *homes* as suas habilidades ?

LUIZ.

De os perderem, ás vezes.

BALTHASAR.

Qual carapuça ! Um *home* faz sempre o que sabe, quando são boas acções. Faz-se o signal da cruz de manhã, reza-se ao meio dia e ás trindades, e deixa correr o carro, que os bois lá sabem o caminho. É verdade ; com que então *voncccé* está já fino ? Ora louvado seja Deus !

LUIZ.

Estou bom, meu pae.

ELISA.

Bom ainda não ; está quasi.

BALTHASAR.

Anda lá ; agradece ahi á sra. Morgada, que cuidou de ti como de um irmão.

ELISA.

Fiz o meu dever, sr. Balthasar.

LUIZ.

Eu já lhe agradei, meu pae.

BALTHASAR.

Olha que estiveste.... nem tu sabes como estiveste. Se não fosse o *seur* Morgado, e mais cá a sra. D. Elisa... Valha-me Deus.... que até mettias dó. (*Limpa as lagrimas com a aba do chapéo de panno.*)

LUIZ.

Meu pae !

ELISA.

Ora vamos, sr. Balthasar ; agora já está salvo.

BALTHASAR.

A' *séra* Morgada o deve.

ELISA.

E não lhe devo eu tambem a vida ? Não foi por minha

causa que Luiz ia sendo victima do touro? Eu trazia um chaile encarnado, o boi viu-me...

BALTHASAR.

Eu bem sei, eu bem sei. Mas ha de perdoar, *sêra* Morgada, não era boi — era uma vacca. — Aquillo são o diabo! Correm com os olhos abertos, que vêem tudo, e não param.... nem que lhes ponham um portello diante; nem que lhes mettam um fueiro pelos olhos dentro. Então eu não vi?! Estava lá no campo de riba, e botei a correr; mas quando cheguei, já o rapaz estava do outro lado da estrada, estendido como um sapo. Ainda o que lhe valeu foi o vallado não ser muito alto, senão não tinha tempo de pôr a *sêra* Morgada em riba da parede, e é que a vacca mettia-lhe as armações, e.... Santo Antonio nos acuda! que era uma *aquella* de todos os diachos. Mas que tens tu, Luiz? estás triste? Leve a breca *merencorias!* um home é para as occasiões. O que lá vae, lá vac. Agora por isto.... Ha de-me dar licença, *sêra* Morgada, que o paesinho está na tapada á minha espera. Eu vim só para os ver um bocado.

ELISA.

(*Pegando-lhe affectuosamente na mão.*) Veio para nos ver.... a ambos, sr. Balthasar?

BALTHASAR.

Pois então?

ELISA.

Como é bom!

BALTHASAR.

Não, que eu ainda me lembro quando v. exa. era assim pequenina, assim.... que eu andava a apanhar cerejas para lhe fazer brincos, que lhe ficavam.... que era mesmo um gosto vê-la. E cá o rapazote, (*indicando Luiz*) esse tinha cinco annos; a *sêra* Morgada tinha dois... quasi tres. Ainda a minha companheira era viva. Ai, que tempo! Olhe que assim, e andando já lá vão dezeses colheitas. Parece que foi est'oitro dia! N'esse anno tive eu um S. Miguel bem arrevesado! tudo me foi

torto, e por fim até o *pequenote* adoeceu, que o ia levando Santo Antonio, com as maleitas. Aquillo, que alli está, não tem de morrer! louvado seja Deus! Já escapou de duas. Pois olhe que a oitra, até o cirurgião já tinha lavrado a sentença; mas que?... lá a minha santa agarra do pequeno, leva-o á capella do Senhor S. Francisco do Monte, e rezou.... e eu atraz della... O caso é que nós promettemos de dar o rapazinho para o serviço de Deus, se escapasse, e fez-se o milagre. Ora ahi tem por que o mando tomar as *ordes*.

LUIZ.

(*Aparte.*) Meu Deus!

ELISA.

Pois deveras, quer fazel-o padre?

BALTHASAR.

Pois então? Ha lá vida melhor!

ELISA.

Os moços bonitos não devem ir para padres.

BALTHASAR.

(*Rindo de satisfação.*) Ah! ah!... La bonito é elle. Mas então os padres haviam de ser todos feios? Sume-te, que mettiam medo aos rapazes, quando fossem á Egreja aprender a doutrina na Quaresma. O que? Um padre, rapaz bem tirado, n'um pulpito a pregar a palavra de Deus.... ha lá nada que lhe chegue?! Nem um doitor, e mais ha-os bons por ahi, que fazem até chorar a gente com as suas retholicas.

SCENA IV.

ELISA, LUIZ, BALTHASAR E O MORGADO.

MORGADO.

(*Vem do F. D.*)

Ora bem podia esperar por ti, Balthasar.

ELISA.

Papá!... (Beija-lhe a mão.)

MORGADO.

Adeus, filha. *(Acariciando-a; a Luiz)* Como estás, Luiz?

LUIZ.

Estou bom, sr. Morgado.

MORGADO.

(A Balthasar) Sabes quem está lá em baixo, no pateo? É teu primo Joaquim, que chegou agora de Vianna.

BALTHASAR.

Ora v'ja! eu aqui posto de conversa, e *vosseoria* a aturar meu primo! Não, que os velhos são assim; em se pondo cá a parafusar no que lá vae, são -- com licença do *sor* Morgado -- como os carneiros a marrar. Estava eu a dizer que, quando cá a *sra* Morgadinha era pequenina... que aquillo era um brinco; saltava que me parecia uma gallininha d' Senhor! Era mesmo uma *barbo-rêta*, linda, linda... isso era.

MORGADO.

Mas não era mais linda do que é hoje.

BALTHASAR.

(Depois de a ter medido com a vista) Isso não, isso não. O que é verdade, verdade seja. Pois cá o rapazote! *(Indicando Luiz)*, aquillo era levadinho!... Ora, mas abi estou eu cá com as minhas lembranças! O que lá vae, lá vae, *sor* Morgado, com aguas passadas não móe o moinho. Com que, então, meu primo trouxe licença!... Vamos lá ver o *anspeçada*.

MORGADO.

Qual!... passou para veteranos do Castello, em cabo de esquadra; traz duas divisas.

BALTHASAR.

Que me diz, *sor* Morgado! Pois elle já é cabo! Assim mesmo, é bem bom.

SCENA V.

ELISA, LUIZ, BALTHASAR, MORGADO E JOAQUIM.

JOAQUIM.

Dá licença, Sr. Morgado? (*Entrando, fardado com uniforme de veteranos, trazendo no peito a fita azul da Torre e Espada, e o bonnet na mão.*)

MORGADO.

Entra, Joaquim.

BALTHASAR.

Ora viva lá o sôr cabo de esquadra (*abraçando-o*) por muitos annos e bós.

JOAQUIM.

E tu que os contes, meu velho. Ora, eu attrevi-me a assaltar cá a fortaleza, para ver a sra. D. Elisa. Como está a sra. Morgada?

ELISA.

Estou boa, sr. Joaquim.

JOAQUIM.

Está uma santa! louvado seja Deus! E tu, Luiz?

LUIZ.

Estou bom, primo Joaquim.

JOAQUIM.

Estás um rapagão! Forte, que nem uma peça de bater, montada em reparo de marinha. Eh! cuidado! cuidado! não te fies nas valentias; olha se te deitam por ahí o barbante, para soldado.

BALTHASAR.

Deus nos defenda! É filho unico!

ELISA.

Papá, eu vou regar os meus cravos.

Vae, filha. **MORGADO.**

Não vem, Luiz? **ELISA.**

LUIZ.
Não, minha senhora; salvo, se v. ex. o ordenar.

ELISA.
Eu não mando nada.

BALTHASAR.
Mas mando eu, e mais aqui o *sr* Morgado, e a *sêra* Morgadinha, também. Pois então, porque não hade ir? *(A Luiz)* Leva o regador para tirar agua do poço.

JOAQUIM.
Ora ahí está.

MORGADO.
Vaes, Luiz?

LUIZ.
Vou, sr. Morgado

BALTHASAR.
Pois então?... Deixa cá conversar os velhos... *(mementando-se)* fora o sr. Morgado, é que é.

MORGADO.
Pois que sou eu, meu Balthasar?

SCENA VI.

O MORGADO, BALTHASAR, JOAQUIM, E DEPOIS FRANCISCO.

JOAQUIM.
(Vendo sair Elisa e Luiz, pelo F. D., e olhando-os malicioso. — A parte.) Olha lá; se tivesses a farda às costas não te fariam tantas franquezas.

MORGADO
Então, Joaquim, sempre queres ficar na aldeia?

JOAQUIM.

Saberá v. s. que, se se podesse engendrar isso, lá com o sr. Cirurgião Mór d'Infantaria, era bem bom... Esse é que me podia dar por incapaz do serviço da companhia, e eu então só lá apparecia nos dias de mostra.

MORGADO.

Pois eu lhe pedirei. Quantos dias trazes de dispensa?

JOAQUIM.

Tres, sr. Morgado (*O Morgado vai a uma mesa, e escreve.*)

BALTHASAR.

Com que, então, tu ficas por cá?

JOAQUIM.

Queria ver.... se se poder arranjar....

BALTHASAR.

Pois já era tempo. Assim mesmo, já és cabo! Quantos annos tens de serviço?

JOAQUIM.

Vinte e um.

BALTHASAR.

Olha lá! Parece que foi *est'outro* dia!

JOAQUIM.

Qual outro dia! Foi na tarde em que cá a irmã do sr. Morgado.... (*Confidencialmente.*)

BALTHASAR.

Seiu!... Olha que elle pôde ouvir.... Santo Antonio!

JOAQUIM.

Qual!.. Isto de fidalgos só ouvem o que lhes faz conta.

MORGADO.

(*Chamando.*) O' Francisco.

FRANCISCO.

(Dentro.) Senhor!

BALTHASAR.

Eu vou lá, *sôr.* Morgado, hoje é domingo.

MORGADO.

Não, não é preciso. *Para Francisco que entra.)* Vae á cidade, entrega essa carta ao sr. Cirurgião Mór de Infantaria. Espera a resposta. *(O criado sae.)* Parece-me que elle se não negará a fazer-me este obzequio, e conseguiremos que fiques por aqui. *(Escreve.)*

BALTHASAR.

Já era tempo, *sôr* Morgado. Olhem que leva um *home* vinte annos a semear, e só no fim é que tem a colheita! Assim mesmo, *(a Joaquim)* já és cabo. Espera... tu, deste lado, tens quatro bichas, duas em riba, e duas em em baixo.

JOAQUIM.

Isto aqui, no braço esquerdo, são os annos de serviço.

BALTHASAR.

Então, vinte e um annos são duas?

JOAQUIM.

Mais de dez é uma, mais de vinte são duas, mais de trinta são tres....

BALTHASAR.

Oh! com as maleitas! Então, se estivesses mais dez annos era melhor.

JOAQUIM.

De que me servia outra divisa destas?

BALTHASAR.

Pois não ganhavas maior soldo?

JOAQUIM.

Qual!... Era a mesma coisa.

BALTHASAR.

Então, não. Mas isso, assim, não está direito. Tanto ganha um velho como um novo!?

JOAQUIM.

E que queres tu? O tempo está para os galuchos.

SCENA VII.

O MORGADO, BALTHASAR, JOAQUIM E DUARTE DE MORAES.

DUARTE.

Sr. Morgado?

MORGADO.

(*Levantando-se.*) Oh! sr. Moraes! Estava-lhe escrevendo, para que não tivesse o incommodo de vir falar-me.

DUARTE.

Obrigado a v. exa... Nunca o prazer é encommodo.

BALTHASAR.

Ora viva, *sôr* Duarte; como está *vosseoria*.?

DUARTE.

Estou bom, Balthasar; oh! adeus, Joaquim.

JOAQUIM.

A's ordens de v. s., sr. Duarte.

BALTHASAR.

Pois, *sôr* Morgado, nós vamos cá ver isto, pela Quinta, como vae.

MORGADO.

Sim, Balthasar. sr. Moraes, não quer entrar no meu gabinete? Ahi estaremos melhor.

DUARTE.

Como quiser, sr. Morgado. *(Duarte e o Morgado entram para a E. Balthasar e Joaquim vão a sair pelo F. D. e encontram-se com Elisa e Luiz, que vem entrando.)*

SCENA VIII.

BALTHASAR, JOAQUIM, ELISA, E LUIZ.

ELISA.

Onde vae, sr. Balthasar?

BALTHASAR.

Dar uma vista d'olhos por ahi, sra. Morgada. V. ex. fica?

ELISA.

Fico. O sr. Luiz vae-me arranjar os versos.

JOAQUIM.

(A Luiz.) Ah! tu fazes versos? *(A parte.)* Olha que padre!...

BALTHASAR.

(A Luiz.) Pois arranja lá isso de modo que se veja.

JOAQUIM.

(Saindo com Balthasar. A parte.) Dá-lhe instruções!...

SCENA IX.

ELISA E LUIZ.

ELISA.

Então, Luiz? queres ficar de mal comigo?

LUIZ.

Não, Elisa... Mas a promessa de minha mãe?

ELISA.

Deus não quererá o seu cumprimento á custa da nossa felicidade.

LUIZ.

Deus não quer; mas o mundo...

ELISA.

O mundo quer o que Deus manda. Olha, consulta o teu coração. Vae fazer-me os versos, e escreve o que elle te disser. Promettes?

LUIZ.

Prometto, Elisa. (*Vae para a mesa. Elisa vae sentar-se ao piano.*)

ELISA.

Em quanto, vou tocar. (*Toca o allegro da Cavatina do 1º acto do Hernani. Luiz, ao sentar-se para escrever, lança os olhos sobre a carta, que o Morgado tinha começado, pega nella, levanta-se e permanece em pé.*)

LUIZ.

(*À parte*) O meu nome aqui escripto!... e o della! (*Fica lendo para si a carta; ategra o semblante.*)

ELISA.

(*Reparando.*) Que fazes ahi, de pé? (*Correndo para Luiz*) Já escreveste?

LUIZ.

Não.... Mas eu não devia ter lido esta carta.

ELISA.

(*Tirando-lh'a da mão*) Deixa ver. (*Vem á scena, e lê:*)

« Exm. sr. Duarte de Moraes.

« A sympathia que lhe merece o Luiz da Silva, pôde
« igualar, mas não exceder a que lhe dedico. Amo-o como

« filho ; e se para isso não bastassem as suas boas qualidades, havia a poderosa circumstancia de ter salvado a minha Elisa de uma morte certa. Accêdo ao seu pedido. Já ha muito que eu tinha essa idéa. Cresceram juntos, e a ninguem irá melhor um logar na minha familia. Este ponto está resolvido. A felicidade de minha filha será... »

LUIZ.

(Com sentimento) Não diz mais !

ELISA.

E é pouco? Vês, Luiz? O *papá* approva; eu não t'o disse?

LUIZ.

Enganas-me, coração? E tambem os olhos querem illudir-me?

ELISA.

Não, não é illusão. Olha os elogios que o *papá* te faz ; e a sympathia do sr. Moraes.

LUIZ.

Sim... elle mostra-se muito meu amigo. Mas... ainda ha poucos dias, me perguntou quando me ordenava.

ELISA.

Isso foi para te experimentar. E que lhe respondeste?

LUIZ.

Que me ordenaria breve, e antes de poucos dias estaria em Braga. Se não fosse a minha doença, tel-o-hia já feito.

ELISA.

Ha males que vem por bem. Oh ! como nós seremos felizes ! Mandaremos construir uma capellinha no logar, em que me salvaste, sim ?

LUIZ.

Sim, minha Elisa. Olha, sentes bater este coração ? E

de amor por ti, é de alegria por mim, e de orgulho por nós ambos—por merecer de Elisa tanta afeição e de Deus tanta felicidade. Sentes !...

ELISA.

Sinto... Escreve agora a poesia. Como ella ha de ser bonita ! Mas não falles em saudades:.. *(Corre á mesa, pousa a carta que leu, e prepara os objectos para escripta.)* Espera, vou ao meu quarto buscar papel muito mais lindo, com a minha firma. *(Sahe pelo F. E.)*

— — —
SCENA X.

LUIZ, LOGO DEPOIS O MORGADO, DEPOIS ELISA,

LUIZ.

Eu creio em Deus ! Para os bons ainda ha venturas na terra, e premios no ceu.

MORGADO.

(A' porta da E. chamando.) Luiz ?

LUIZ.

Sr. Morgado ?

MORGADO.

Manda chamar teu pae.

LUIZ.

Eu vou, senhor. *(O Morgado desaparece, e Luiz vac a sahir pelo F. D.)*

ELISA.

(Entrando pelo F. E.) Onde vaes, Luiz ?

LUIZ.

Chamar o meu pae, de ordem do teu.

ELISA.

Pois vem depressa. Olha, cá ponho um papel muito bonito: — Verde é esperança.

LUIZ.

(Voltando á scena.) Tu tens esperanças....

ELISA.

Em ti, Luiz. Vae, não digas nada a teu pae. Quem sabe se vae ser consultado para.... *(Suspende-se.)*

LUIZ.

Para que, Elisa?....

ELISA.

Ora, para que hade ser?

LUIZ.

Para nos unirem, porque.... « Amei teu seio no palpito languido....

ELISA.

(Atalhando-o.) « Quando a meu seio te prendia, Elisa... »

LUIZ.

Elisa!... *(Beija-lhe a mão.)*

ELISA.

Vae chamar teu pae, sim?

LUIZ.

Vou.... *(Sahe apressado.)*

SCENA XI.

ELISA, DEPOIS BALTHASAR E LUIZ.

ELISA.

Oh! minha *mamãzinha!* tu ouviste as minhas orações na manhã que se seguiu áquelle sonho: eram luzes,

e um altar e um padre; era uma cerimonia de bençãos.... e eu bem te vi descer do ceu a coroar a tua filhinha; Oh! eu bem te vi, minha boa *mamã*!

BALTHASAR.

A's ordens de vossenhoria. Ah! pensei.... Onde está o paesinho, *sêra* Morgada?

LUIZ.

Está no seu gabinete, meu pae.

ELISA.

Entre, entre, sr. Balthasar.

BALTHASAR.

Cá vou, cá vou, pois então!

SCENA XXI.

ELISA, LUIZ, E DEPOIS JOAQUIM.

LUIZ.

Não sei como me bate o coração! Parece querer saltar fóra do peito! Estarei eu mais alegre do que devo, Elisa?

ELISA.

E eu, então?.... E' a felicidade.

LUIZ.

Será.... é.... pois que havia de ser?.... (*Vae sentar-se á mesa para escrever. Elisa encosta-lhe a mão no hombro, e, á maneira que Luiz vae escrevendo, vae-se debruçando, até que encosta a sua face a delle.*)

JOAQUIM.

(*Entrando devagar. A parte.*) Oh! que padre!... (*Tosse, finge que os não vê, e caminha de vagar.*)

ELISA.

(Desencostando-se.) Ai!...

LUIZ.

(Levantando-se.) Oh! *(Elisa pega no papel, e sahe correndo)***SCENA XIII.**

LUIZ, JOAQUIM, DEPOIS BALTHASAR.

LUIZ.

(Aproximando-se.) Sr. cabo d'esquadra!

JOAQUIM.

Sr. padre!

LUIZ.

Engana-se; eu não sou padre.

JOAQUIM.

Mas ha de-o ser, querendo Deus.

LUIZ.

Mas Deus o não querera.

JOAQUIM.

Tanto melhor! *(Aparte.)* Em que diabo se fia elle?....
(Alto.) Queres tu assentar praça, ó Luiz?

LUIZ.

Obrigado; eu não quero ser soldado. *(Aparte.)* Não nos viu.

JOAQUIM.

Inda a patrona me não dê lustro, se tu, ao fim de dous annos, não estavás sargento! O que?... Com esse olhar linorio?...

LUIZ.

E' uma grande cousa ser sargento ! Obrigado a obedecer, sem saber porque, nem para que executa uma commissão, cujo alcance não lhe é dado calcular ?...

JOAQUIM.

E' a disciplina.

LUIZ.

E' a oppressão.

JOAQUIM.

O official manda, o soldado obedece.

LUIZ.

O soldado é uma machina, o official é o machinista.

JOAQUIM.

Isso é verdade; e o vapor é.... (*fazendo signal de bater*) é o junco.

LUIZ.

E' uma indignidade.

JOAQUIM.

Então que queres tu? Ainda, agora, se acabou com o castigo de chibatadas por conta do commandante : dão-se só particularmente do cofre do capitão; mas d'antes!... faça-me favor!... Não ha vida como a do padre: E' comer do bom, beber do melhor, dizer a sua missa, educar os *afilhaditos*.... e está feito o itinerario neste mundo.

LUIZ.

Só isso?...

JOAQUIM.

Pois, que mais?...

LUIZ.

Derramar o balsamo da religião sobre o coração do afflicto; erguer-se dos pés da cruz para correr á cabeceira do moribundo; dar o pão do corpo ao indigente e o do espirito ao ignorante; defender a innocencia per-

seguida; amparar a orphandade; ser forte, contra o forte, em apoio do fraco; encaminhar bem o desgarrado; converter o hereje; adormecer com a consciencia tranquilla, para despertar com a graça de Deus; e, abraçado á cruz, ministro da religião, soldado de Jezus Christo, ir á conquista das almas para o ceu, e da felicidade para a terra! Eis o que deve ser um padre!

JOAQUIM.

(*Para si proprio.*) O rapaz falla, que nem o general a fazer uma proclamação!

BALTHASAR.

(*A Luiz.*) Oh! estás aqui?... Bom é.

JOAQUIM.

Então, que temos?

BALTHASAR.

Não é nada; é cá uma noticia para o Luiz. (*A Luiz.*) Olha lá, *oh!* agradece ao *sór* Morgado! Aquillo é que é teu amigo! Faz a tua felicidade, assim do pé para mão! Aquillo, sim, é que é pae para adivinhar as inclinações dos rapazes. Aquella filha é a menina dos seus olhos! Isto é que se chama matar dous coelhos d'uma cacheirada! Estaes ambos felizes!

LUIZ.

Isto não é sonho, meu pae?! Oh! que não cabe em mim toda a alegria que vae neste coração! (*Abraçando-o.*)

BALTHASAR.

Podéra não! Ora, dá cá esses ossos!

JOAQUIM.

Mas eu não vos entendo!

BALTHASAR.

Já vaes entender. Mas.... primeiro.... (*A Luiz.*) vae chamar a *séra* Morgadinha, Luiz, vae....

LUIZ.

Eu vou, meu pae, eu vou. (*Sahe apressado*)

BALTHASAR.

Anda, para se lhe participar esta *aquella*. (*Correndo á porta do F. E., a seguir Luiz; Joaquim o mesmo.*)

SCENA XIV.

BALTHASAR, JOAQUIM, LOGO O MORGADO E DUARTE DE MORAES.

JOAQUIM.

(*A Balthasar.*) Mas não me dirás o que significa esta revolução, que vieste fazer no rapaz?

DUARTE.

Sem incommodo, sr. Morgado.

BALTHASAR.

(*A Joaquim.*) E' que... *falla-lhe baixo, em ar de confidencia.*

MORGADO.

Está, pois, tudo definitivamente ajustado.

DUARTE.

Sem duvida. Já o estava antes de resolvido, e lisongeio-me de ter tido occasião de trocar com v. ex. as provas da nossa antiga amizade.

MORGADO.

(*Agradeçe.*) Eu vou mandar preparar um cavallo.

DUARTE.

Tenho ahi o meu, sr. Morgado. Recebo as ordens de v. ex.

MORGADO.

Eu vou acompanhá-lo até ao pátio.

DUARTE.

Por quem é, senhor....

MORGADO.

Faz obsequio.... *(sahem ambos.)*

— — —
SCENA XV.

BALTHASAR, JOAQUIM, LOGO ELISA E LUIZ, DEPOIS O MORGADO.

JOAQUIM.

Pois isso é uma pechincha!... se te parece!... ficamos todos em casa. *(Esfregando as mãos, em signal de alegria.)*

ELISA.

(Correndo a abraçar Balthasar.) Ah! sr. Balthasar! Conte, conte-me tudo, como foi. Eu já tinha adivinhado! Veja como seremos felizes!

BALTHASAR.

Pois então, *sêra* Morgada!

JOAQUIM.

(A Luiz, dando-lhe a mão.) Toca, Luiz; a quem papagueia como tu.... é de justiça; é um posto de distincção bem merecido.

LUIZ.

Obrigado, primo Joaquim.

MORGADO.

Ora, muito bem.

ELISA.

(Correndo a abraçá-lo) Oh! como eu sou sua amiga! Já sei tudo, já sei tudo!

LUIZ.

Sim, já sabemos tudo, sr. Morgado.

MORGADO.

Já sabem?!

BALTHASAR.

Pois então! Fui eu que lh'o disse.

MORGADO.

Bem, tanto melhor; (*a Elisa*) e vejo no teu contentamento, que me não enganei, quando empenhei confiadamente a minha palavra de honra.

ELISA.

O *papá* é muito bom. Como tinha adivinhado!

BALTHASAR.

Pois podéra!

MORGADO.

E, como tu vaes concorde n'isso, tudo se concluirá com a maior brevidade. Luiz, em quinze dias podes arranjar-te!

LUIZ.

Eu estou prompto, sr. Morgado.

MORGADO.

Teu pae dar-te-ha o dinheiro preciso, e uma carta, que eu lhe entreguei. Já lá dei ordem em baixo para te prepararem um cavallo.

BALTHASAR.

(*Mostrando uma carta*) Cá está. (*Entrega-a a Luiz.*)
E' para o *sór* Arcebispo.

JOAQUIM.

O que? o cavallo?...

BALTHASAR.

Não, a carta para elle dar as *ordens*.

LUIZ.

(Suspenso.) As ordens!...

ELISA.

(O mesmo.) O que, meu paç?

MORGADO.

(A Luiz.) Sim, e tudo se arranjará em quinze dias.

JOAQUIM.

E fica sr. Capellão! *(Luiz e Elisa olham-se sorprendidos.)*

MORGADO.

Luiz abençoará....

ELISA.

Luiz... abençoará...

MORGADO.

A tua união com o sr. Duarte de Moraes.

ELISA.

Ah! *(cae desmaiada nos braços de Balthasar, que, ajudado por todos, menos Luiz, a conduz ao sophá.)*

LUIZ.

(Para si proprio.) Ah! coração... que me enganaste!...

MORGADO.

(Afflicto.) Meu Deus!... Que tens, filha? Joaquim, vae chamar um medico. *(Joaquim sahe.)*

LUIZ.

(Baixo a Balthasar.) Meu paç.... saiamos desta casa!

BALTHASAR.

Agora, filho, é que tu queres sair?

MORGADO.

Balthasar, vae ao meu gabinete, traz um vidro de essencia, que está dentro da secretaria. Luiz ampara-a aqui. (*Balthasar sahe. Silencio e anciedade.*) Vem esse vidro?... Depressa!

BALTHASAR.

(*Dentro.*) Não se pôde abrir a secretaria.

MORGADO.

Arromba-a! (*Sahe correndo,*)

SCENA XVI.

ELISA E LUIZ.

Elisa move-se, e vae tornando a si.

LUIZ.

Elisa!... Senhora!

ELISA.

(*Voltando completamente a si.*) Que é? que foi? Ah! Luiz!... agora me recordo; querem separar-nos, querem matar-me! Não... Jura, aqui, que me amas, que me não abandonarás, que virás... buscar-me... amanhã... esta noute mesmo!

LUIZ.

Elisa! (*Ouve-se o ruído de algum movel que se quebra.*)

ELISA.

Jura-m'ó, Luiz!

LUIZ.

(*Combatendo-se.*) Elisa!

ELISA.

(Com força.) Jura!

LUIZ.

(Tendo vacillado.) Juro!

SCENA XVII.

ELISA, LUIZ, O MORGADO E BALTHASAR.

MORGADO.

(Com um frasco em uma das mãos.) Filha!... filha!...

LUIZ.

Ella está melhor, sr. Morgado.

BALTHASAR.

Já falla?

ELISA.

Já... estou melhor.

MORGADO.

Que foi, Elisa, que sentes?...

ELISA.

(Está recostada no sophá. Luiz está de pé, com os braços cruzados, contemplando-a.) Nada.

MORGADO.

(Trazendo Balthasar de parte.) Vê se podes chegar a casa do sr. Moraes; participa-lhe isto, e pede-lhe que venha cá amanhã.

BALTHASAR.

Sim, senhor. Então?! *(Olhando para Elisa, e depois caminhando para sair.)* Coitadinha! Parece mesmo um milagre de cera da Senhora Sant'Anna!

SCENA ULTIMA.**ELIZA, LUIZ E O MORGADO.****MORGADO.**

(Aparte.) A que devo attribuir este accidente! Elisa estava tão satisfeita... Luiz tambem... agora, ambos estão mudados!... *(Como assallado de uma ideia.)* Ah!... experimentemos. *(Alto.)* Filha, estás melhor?

ELISA.

(Sem abrir os olhos.) Estou bôa, meu pae.

MORGADO.

Nesse caso é conveniente recolheres-te ao teu quarto. E tu, Luiz, marcharás hoje mesmo para Braga, visto que, felizmente, não temos de demorar o consorcio.

LUIZ.

Sim, sr. Morgado, eu partirei já.

ELISA.

(Animando-se.) Não, não, meu pae! Não deixe o Luiz ir-se embora. Eu preciso d'elle ao pé de mim.

LUIZ.

(Afflicto.) Delira, minha senhora!

ELISA.

(Em estado febril.) Não queiram que eu morra! Para que me illudiram?! Eu amo-o! Luiz, eu quero ser tua!

LUIZ.

Elisa, que nos perdeste! *(De joelhos junto do sophá. Elisa tem cahido no abatimento, que segue ao delirio.)*

MORGADO.

A pé, atrevido! Saia!... infame!

LUIZ.

(Dando um salto, e um passo para o Morgado.) Infame, senhor!... *(Recuando.)* É o pae de Elisa!... Eu saio, sr. Morgado de Vallindo. *(Sabe, vagaroso e firme.)*

ELISA.

(Fazendo um esforço.) Luiz!... Meu pae!... *(Cae em novo turpor. O Morgado cruza os braços e deixa pender a frente.)*

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO II.**A mesma sala do primeiro acto.****SCENA I.****O MORGADO, E DUARTE DE MORAES, DEPOIS JOAQUIM.***(Estão sentados, conversando familiarmente.)***DUARTE.**

Bem ; concordo, sr. Morgado.

MORGADO.

Em todo o caso é apenas adiar o negocio, até que melhore.

DUARTE.

Sim, certamente... Mas não acha alguma coisa de extraordinario nesta doença repentina, que, segundo me disse o Balthasar, succedeu logo a uma alegria manifesta?

MORGADO.

Não, indisposição leve... passageira... hade melhorar. Ella deu o seu consentimento .. Sem elle...

DUARTE.

Sem elle... impossivel fôra tudo, bem que v. ex. insistisse em comprometter á sua palavra.

MORGADO.Sim, Elisa é docil e affectuosa, como era sua mãe... e formosa como era sua tia, minha irmã Julia (*movimento de Duarte.*) Conheceu-a?**DUARTE.**

Tive a honra de encontral-a algumas vezes, em casa de v. ex.

MORGADO.

Ainda eu era solteiro. Casci um anno depois da sua morte. Já são passados vinte e um annos! Pobre irmã! Foi um segredo que a matou, e não houve saber-lho'o; morreu com ella!

DUARTE.

(Aparte.) Mau homem que eu fui!

MORGADO.

Em fim, Deus a terá em sua guarda!

JOAQUIM.

(Entrando, com papeis na mão.) Prompto, sr. Morgado.

MORGADO.

(Recbe os papeis, que entrega a Duarte.) Pertencem-lhe, por ora, sr. Moraes. *(Duarte vai á mesa, para escrever)* Joaquim, recebi hoje a resposta do Cirurgião Mór, que prometteu servir-me.

JOAQUIM. •

Muito obrigado, sr. Morgado. Saberá v. s. que meu primo quer-lhe fallar.

MORGADO.

(Com mau modo.) Não posso agora.

JOAQUIM.

Bem, bem; *saindo* logo será.

SCENA II.

O MORGADO, DUARTE, E DEPOIS ELISA.

DUARTE.

Sr. Morgado, eis aqui as escripturas da fiança.

MORGADO.

Porem... (*reparando*) e com a declaração de nullidade! Por ora não; permitta que não accite. Gosto da maior regularidade nos meus negocios. Fico penhorado pela prova de confiança, que me dá, mas não me é possível acceder.

DUARTE.

Sr. Morgado de Vallindo, entre cavalheiros não ha contractos escriptos. A palavra de v. ex. vale, pelo menos, tanto como a minha, e a minha vale muito; não se empenha em balde, nem deixa de desempenhar-se, uma vez dada. Esse remorso me não peza no coração; outros me não pezassem.... oxalá!...

MORGADO.

(*Como provocando explicações.*) Remorsos!... V. ex...

DUARTE.

Eu...

MORGADO.

Tido e havido como um homem probo!...

DUARTE.

E o sr. Morgado duvida-o?...

MORGADO.

De forma nenhuma; porém... o sr. Moraes acaba de...

DUARTE.

V. ex. obriga-me a fazer-lhe uma revelação, intempestiva, talvez: (*Sentam-se.*) Eu fui mau, em tempos que vão longe, porque a pouca illustração me não ensinou a conhecer os bons modelos, e a muita liberdade me deixou seguir os maus exemplos. Tenho erros na minha vida — crimes, diria outro mais escrupuloso; mas delculpa-os a razão, que attende á minha inexperiencia dessa época, embora os condemne o coração... Oh!... esse!... esse não perdôa facilmente ao seductor da mulher, que elle escolheira e chamára sua, nem levan-

tará, jamais, o remorso da consciencia do homem, que deixa seu filho entregue a mãos caridosas; a corações bem-fazejos, que lhe emprestam carícias, que seu pae lhe devia, e lhe dão por esmola o pão que seu pae lhe negou.

MORGADO.

(*Com curiosidade e receio.*) V. ex. tem um filho?!...

DUARTE.

Tive; não sei delle... perdi-o. Esperei cinco annos; tôra o praso marcado; esperei debalde: não veio.

MORGADO.

Porém, dizendo v. ex. que tem um erro...

DUARTE

Um crime, talvez! um crime, sim. Pois que outro nome lhe cabe? Seduzir uma mulher bella, virtuosa, innocente mesmo, e esquecel-a depois, e deixal-a entregue á desesperação, obrigada a depositar seu filho... em collo estranho!... acceitar a mão de uma outra mulher, ir sacrificar-lhe a minha vida, receber em troca o seu ouro e regeitar-lh'o, só, quando á hora do sacrificio uma carta me annunciou a morte da minha victima, e o nascimento do fructo do meu crime...! Ao menos, depois de cinco annos, a expiação ser-me-hia menos dolorosa, porque fruiria os affagos de meu filho... Mas Deus o não quiz... nem essa consolação, que eu não a merecia... Esperei debalde; essa creança, e aquella cruz de ouro, o derradeiro presente de sua mãe, não chegaram nunca!... é que o meu filho morreu!... Eis porque eu tenho remorsos!

MORGADO.

Talvez que essa mulher não fosse, perante a sociedade... digna de... sim... digna do seu nome...

DUARTE.

(*Severo.*) Não lhe disse eu que era virtuosa, senhor?

MORGADO.

Sim; porem... as posições tambem tem seu valor ; v. ex. é nobre, e rico... ella... talvez...

DUARTE.

(Secreto.) E que importava isso? Na hora da seducção ella era uma mulher, eu era um homem... na hora da reparação eu era pae, ella devia ser minha mulher. V. ex considera a fidalguia como o baluarte da virtude, ou como o refugio do eriminoso? Nós, fidalgos pelo acaso do nascimento, poderemos, á sompra dos nossos pergaminhos, praticar um cento de indignidades, desfolhar, sorrindo, as flores da innocencia de uma pobre mulher, e as alegrias de um pae, que tem de adquirir pelo trabalho, e virtudes o respeito e a consideração da sociedade, que o acaso nos liberalizou? Não; isso seria subjeitar o direito natural ás loucuras sociaes, seria prejudicar as leis, que nascem com o homem, por aquellas, que do homem nascem. *(Elisa apparece ao F. E., e permanece immovel.)* O neto do principe e a filha do soldado; a herdeira do fidalgo e o filho do artista, podem unir-se; a natureza fêl-os iguaes! *(Levanta-se.)*

MORGADO.

(Aparte.) Que lição!... *(Levanta-se.)*

DUARTE.

Todavia, aquella pobre menina não era uma mulher do povo... E que o fôra.. e remorso me não abandonaria. Essa grande riqueza, que depois herdei de meu pae, devia pertencer-lhe, como lhe pertenceu o meu coração... e, pois que não pôde ser, precisava escolher alguém que a substituisse; não no amor, que isso me não fôra já possível, mas na familia; que hei mister de alguém que me concilie com Deus, e a mulher virtuosa é a medianeira entre a terra e o ceu. Eis porque escolhi a senhora D. Elisa: ella será minha esposa perante a sociedade e será minha filha perante mim. *(Elisa caminha vagarosa e cabisbaira. Vem um pouco pallida.)*

MORGADO.

Filha!...

ELISA.

Meu pae! (*Abraça-a.*)

DUARTE.

Minha senhora...

ELISA.

(*Estendendo-lhe a mão.*) Sr. Moraes...

DUARTE.

V. ex. sente-se melhor?

ELISA.

Um pouco.

MORGADO.

Mas, filha, o ar far-te-ha mal, talvez.

ELISA.

Não faz, não.

MORGADO.

Eu fecho estas portas. (*Vae fechar as portas.*)

ELISA.

(*Baixo.*) Sr. Moraes, eu tenho muito que lhe dizer.

DUARTE.

Eu a escuto, minha senhora.

ELISA.

Mas... preferiria escrever-lhe... amanhã.

DUARTE.

Como v. ex. quizer. Em todo o caso dar-me-hei por feliz se poder ser-lhe agradável.

MORGADO.

(*Voltando.*) Elisa, agora estás muito melhor, não é assim?

ELISA.

Estou, meu pae.

MORGADO.

Pois bem, então não teremos de adiar a realisação dos nossos desejos. E' a tua felicidade, filha.

ELISA.

Creio. A minha vontade ponho-a nas mãos do sr. Moraes. (*A Moraes.*) V. ex. responderá por mim.

DUARTE.

Eu, minha senhora? Oh !... então...

ELISA.

Sim, v. ex. responderá por mim ; porém, só depois d'amanhã. Consentem ?

MORGADO.

Seja. (*Duarte curva-se, em ar de assentimento.*)

DUARTE.

E agora permittam vv. exs. que me retire, visto que tenho ainda de concluir um negocio do sr. Morgado.

MORGADO.

Porém... levará as escripturas...

DUARTE.

Inutilisei-as, e de balde v. ex. tentaria tornal-as novamente validas. Minha senhora...

ELISA.

(*Dando-lhe a mão.*) Seja meu amigo.

DUARTE.

Vae n'isso a minha ventura. Sr. Morgado...

MORGADO.

(*Apertando-lhe a mão e acompanhando-o.*) Sr. Moraes...

SCENA III.

ELISA, DEPOIS JOAQUIM, DEPOIS BALTHASAR, E MAIS
TARDE O MORGADO.

ELISA.

Que bom homem ! Elle quer-me para sua filha ! Oh ! sêl-o-hia, se esse laço não quebrasse o que me une a Luiz. Mas elle é bom, despido de preconceitos sociaes : « a herdeira do fidalgo e o filho do artista podem unir-se... » disse elle ; pois pedir-lhe-hei auxilio, contar-lhe-hei tudo, e depois d'amanhã, elle mesmo virá fazer renuncia da minha mão, e pedil-a novamente, para Luiz. Oh ! Deus não me abandonou, a esperança ainda me sorri !

JOAQUIM.

(*Attravessando a scena.*) Guarde-a Deus, sra. D. Elisa.

ELISA.

Olhe, Joaquim. Ora, que todos me fogem !

JOAQUIM.

Menos isso, sra. Morgada. Deus nos defenda de tal !

ELISA.

Desde hontem nunca mais o vi. Queria perguntar-lhe por seu primo.

JOAQUIM.

Qual ? O Balthasar ? Está lá em baixo, na pátio.

ELISA.

E o Luiz, tambem ?

JOAQUIM.

Esse !... (*Aparte.*) Temol-as arranjasdas.

ELISA.

Esse .. Diga !...

JOAQUIM.

Esse não está... mas elle hade vir, sim... hade vir...
ainda que eu não sei se...

ELISA.

Não sabe! Não sabe o que aconteceu hontem?

JOAQUIM.

Pois não sei!... quero dizer... não me consta... isto
é... eu sei que o paezinho se zangou um bocado com
o rapaz; mas isso não vale nada...

ELISA.

Não vale nada! Então é pouco ser expulso, tirarem-o
d'ao pé de mim, quando eu mais precisava delle! E não
me dizerem para onde foi! não me darem noticias!...

JOAQUIM.

(*Aparte.*) Vejam como pôz em alarma aquella fortifi-
cação!

ELISA.

Joaquim, você não sabe d'elle? O Balthasar não lhe
disse onde está?

JOAQUIM.

Ora... o pobre velho anda a toque de caixa; já des-
tacou patrulhas, e pôz vedetas; mas nada, o desertor
não apparece.

ELISA.

(*Afflicta.*) Então, ninguem sabe do Luiz?

JOAQUIM.

Qual!... Pois não é por falta de deligencia. Os visi-
nhos andam todos n'uma volantina. Parece a *Maria da
Fonte!*

ELISA.

Meu Deus! Se aconteceu alguma desgraça!

JOAQUIM.

Olhe, sra. Morgada, o tempo não está para escaramuças. Os rapazes dá-lhes agora na cabeça deitarem-se ao charco!

ELISA.

(Muito afflicta.) Meu Deus! Se Luiz se suicidou! meu Deus!

JOAQUIM.

(A parte.) Fil-a bonita, não tem duvida! *(Alto.)* Eu lhe digo... não ha razão para assustar... assim mesmo já ha algumas noticias...

ELISA.

Ha noticias? . .

JOAQUIM.

Isto é... ha todas as esperanças... Olhe, ahí vem meu primo.

BALTHASAR.

(Triste.) Ora viva, sêra Morgada.

ELISA.

Adeus, sr. Balthasar. *(Chegando-se a elle, e pondo-lhe as mãos no hombro.)* Que é do Luiz?

BALTHASAR.

Ai, menina... não me falle n'isso. Não me apparece desde hontem, que sahi de cá de casa. Agora é que eu venho desenrodilhar isto. Vamos a ver como é esta *andrómina*.

JOAQUIM.

Olhe, a fallar a verdade...

MORGADO.

(Entrando.) Joaquim, vae ver os trabalhadores,

JOAQUIM.

Sim, senhor. *(Sabe.)*

MORGADO.

Filha, tu deves estar fatigada ; deixa-nos sós um momento.

ELISA.

Eu vou, meu pae.

SCENA IV.

O MORGADO E BALTHASAR.

MORGADO.

(*Sentando-se.*) Entãc que me queres, Balthasar ?

BALTHASAR.

Sór Morgado, vosseoria conhece-me. Sou *home* verdadeiro e capaz. Não gosto cá de embrulhadas ; por isso é que venho fallar com *vosseoria*. Onde está o meu Luiz, *sór Morgado* ?

MORGADO.

Eu sei lá do teu Luiz ! Depois que o mandei sahir de minha casa, não sou responsavel por elle.

BALTHASAR.

Vosseoria põl-o fora ?...

MORGADO.

Puz.

BALTHASAR.

Porquê, *sór Morgado* ? Que foi que lhe fez o meu filho ?

MORGADO.

Teu filho é um mau rapaz.

BALTHASAR.

Isso lá devagar, *sór Morgado* ! Estou eu aqui para o defender... isso lá, não... *Vosseoria* está equivocado.

MORGADO.

Oxalá! (*A' parte.*) Não convem explicar-me. Poupe-mos o escandalo.

BALTHASAR.

Mas, então porque diz *vosscoria* isso?

MORGADO.

Eu tinha-lhe reservado na minha familia um logar honroso. Luiz seria o meu cappellão...

BALTHASAR.

Ate ahi bem vamos.

MORGADO.

Eu era seu amigo; além disso o sr. Moraes pediu-me que o protegesse, e propoz-m'o para o logar que eu já lhe destinava...

BALTHASAR.

Até ahi já eu sabia... vamos lá.

MORGADO.

Mas tudo se desfez. Luiz é indigno da minha amisade, é um mau rapaz, um infame, até...

BALTHASAR.

Alto lá *sôr* Morgado!... veja como falla!... Cã um *home*, porque é pobre, não deixa de ter *o seu ópinião*. *Vosscoria* é fidalgo e rico, eu sou um lavrador honrado e capaz. O Luiz é filho d'um *home* de bem.

MORGADO.

Sabemos disso.

BALTHASAR.

Não sou eu que o digo... é toda a freguezia! Não por ahi perguntar quem é o Balthasar. Que venha algum a quem eu queira mal! ou que tenha tido algumas razões comigo, por cauza d'agua de rega, ou de *quacsquer* outra *entiqueta*.

MORGADO.

Acalma-te. Eu não te culpo.

BALTHASAR.

Em cortezia, *sôr* Morgado; o Luiz não era *home* capaz de lhe fazer nenhuma desfeita. Ali, onde o vê, tem cabeça, e tem criação.

MORGADO.

Que importa? falta-lhe o sangue.

BALTHASAR.

(*Zangado.*) O que? Falta-lhe o sangue?! Tem-o tão bom como *vosseoria*.

MORGADO.

(*Reprehensivo.*) Devagar, homem!

BALTHASAR.

Sim, senhor! *Vosseoria* não sabe o que ali está! Olhe que, ali onde o vê... cala-te boca...

MORGADO.

Pois bem, eu não quero fazer-te responsavel pelo que teu filho faz.

BALTHASAR.

Mas quero eu sê-lo, que o posso ser. Pois então!

MORGADO.

A razão é obvia. Resolvi não ter capellão.

BALTHASAR.

Isso lá é outro fallar. *Vosseoria* é senhor da sua vontade. Mas o rapaz não me apparece, e ninguem me dá noticias delle.

MORGADO.

(*Assustado.*) Como! Pois Luiz não ficou em casa a noite passada?

BALTHASAR.

(Acompanhando-o no susto.) Não, senhor; porque, *sór* Morgado? Então... *Ou oh!*... *Vosseoria* mette-me medo.

MORGADO.

(A' parte.) Queira Deus que eu não causasse alguma desgraça! Aquella noticia de ha pouco!...

BALTHASAR.

Que é, *sór* Morgado?... Valha-me Deus!...

MORGADO.

Vamos procural-o. Vem; nós talvez o encontremos. *(Sabe apressado, e Balthasar segue-o.)*

BALTHASAR.

Valha-me Santo Antonio, e a Senhora Santa Rita!

SCENA V.

FRANCISCO.

(Entra, com luzes que põe sobre a mesa um momento antes do Morgado sair.) Isto é o diacho! Eu não sei se lh'o diga; mas a coisa é certa — todos os signaes são verdadeiros... Eu não sei se lh'o diga. A fallar a verdade, isto não é lá dos melhores bocados; mas a menina pediu-me tanto que lhe dêsse noticias!... que remedio!... São más, podiam ser boas... paciencia. Em fim, o que tem de ser ao tarde, seja ao cedo... não ha outro remedio. *(Vae correndo para a porta do F. E., e é ainda visto por Joaquim que vem do F. D.)*

SCENA VI.

JOAQUIM, DEPOIS FRANCISCO.

JOAQUIM.

(Chamando.) Seiú! onde vaes, ó Francisco? Qual! vae

por ahí fazer alguma asneira; metter tudo no bico das creadas; isto de mulheres gostam de bater com a lingua nos dentes, e, mais bocado menos bocado, contam-a á menina. Ora esta! Era só o que nos faltava! Pobre rapaz! E então... que era um doutor a fallar! aquillo, em elle começando. . . era um tiroteio de palavriado, capaz de fazer render o *Mac Donnalld*. Ora esta! Elles tinham lá suas coisas... eu fingi que não percebia, mas... oh, oh!... (*rindo*) Cá o bicho tarimba!... Pobre rapaz! Foi tal e qual como o sobrinho do Regedor de Darque!

FRANCISCO.

Sôr Joaquim, lá está a *sêra* Morgada com um desmaio como hontem. Eu vou chamar o *sôr* Morgado.

JOAQUIM.

Que diabo lhe foste tu dizer?... Eu parece que advinhava!... Ora, ora esta! .. (*Vão a sahir.*)

SCENA VII.

OS MESMOS E O MORGADO.

(*O Morgado vem triste, caminha vagaroso. Francisco sahe.*)

MORGADO.

(*Senta-se.*) Pobre homem! quasi o levam d'ali morto! É triste! Eu tenho uma parte bem directa nesta desgraça! Terei motivos para remorso? Que deveria eu fazer?... (*Chamando alto*) Joaquim!

JOAQUIM.

(*Triste*) Senhor.

MORGADO.

Ah! estavas ahí... Teu primo está bem mal. É preciso não o abandonar de noute. Lá estão alguns visinhos; levarás gallinhas, e o mais de que houver mister. Tudo se

comprará a expensas minhas. Que nada falte ao pobre velho... Elle é bem desgraçado! (*Medita.*)

JOAQUIM.

E aquelle pobre moço! Morrem os bons; os pobres perdem o seu arrimo... Isto não tem cadencia... Nada... se assim marcha o mundo, rompe-se o quadrado, e entra com elle a cavalleria do demonio... nada!... Era a esperanza d'aquelle pae... Com trinta baionetas!... antes elle fosse rico... antes fosse fidalgo...

MORGADO.

(*À parte*) Antes!...

JOAQUIM.

E então que se matasse... Perdoe, sr. Morgado, mas é que não fazia falta a ninguém.

MORGADO.

(*À parte*) Quem sabe! (*Alto*) Bem; não fallemos mais nisto. É um desastroso acontecimento. Não o revelem á menina; é muito nervosa, e...

JOAQUIM.

Ora... se ella já o sabe...

MORGADO.

(*Alvorçado*) Já o sabe! Quem lh'o disse?

JOAQUIM.

(*Querendo contemporisar*) Foi o pateta de Francisco, que é mais basbaque do que um galucho.

MORGADO.

(*Ameaçador*) O sr. Francisco...

JOAQUIM.

Coitado! elle não sabia nada do que havia...

MORGADO.

Do que havia!... Então o que ha?... que sabes tu?... pois... viste... disseram-te alguma coisa?... que sabes?...

JOAQUIM.

Eu... nada, nada... não sei nada... Dizia eu que o Francisco não sabe que a menina está incommodada, e que a noticia da morte de uma pessoa conhecida... sempre causa suas *intermitencias*. Ora, como o Luiz, — Deus lhe falle n'alma — era conhecido da senhora Morgada...

MORGADO.

(*A parte.*) Conhecido... sim... mais... talvez muito mais...

JOAQUIM.

Isto é...

MORGADO.

Bem, basta. Vae ver o pobre Balthasar. Se elle se achar peor, vem chamar-me; não quero lhe falte o minimo soccorro. Vae. (*Consultando o seu relogio.*) E' tarde; são nove horas.

JOAQUIM.

Pois eu vou, sr. Morgado.

MORGADO.

Não te esqueças de chamar-me, se peorar.

JOAQUIM.

Sim, senhor. (*Sabe.*)

SCENA VIII.

O MORGADO, DEPOIS ELISA.

MORGADO.

Que desgraça!... Suicidar-se!... pobre Luiz!... porque, a pesar de tudo, eu era seu amigo! Mas poderia conserval-o em minha casa, depois de?... E quem sabe se já foi tarde?!... Para que descancei eu sobre a virtude

de uma e o respeito do outro! Essas distancias não as vê a mocidade inexperiente... essas exigencias sociaes combate-as o plebeu; (*mudando de tom*) e nem só o plebeu, tambem o nobre. Duarte de Moraes é um fidalgo de boa linhagem... foi louco, segundo elle mesmo confessa; mas arrependeu-se, e tem-se entregado ás lettras. Cursou a Universidade, tem estudado muito ha vinte e um annos, e hoje é reconhecido como um homem sumamente illustrado. E elle combate o orgulho da nobresa de sangue... Aquella lição de hoje... quem sabe?... talvez o meu coração o estivesse applaudindo! mas as conveniencias, estas convenções sociaes, estes disparates dos homens reunidos... são a causa de muitas desgraças! (*Pensa.*) Quem me diz, a mim, que... não... não é possível! Elisa não se esqueceria dos seus deveres! Não! *Vae á mesa, em que estão os papeis.*) Tudo estava preparado; faltava só que ella assignasse a escriptura... E até as outras foram inutilisadas! E' pois, mister que se cumpra a minha palavra. O rasgo cavalleiresco de Duarte de Moraes pede outro igual, superior, talvez. Eu serei sempre o Morgado de Vallindo, embora fique pobre. (*Senta-se, e prepara-se para escrever.*)

ELISA.

(Vem vestida de preto, extremamente pallida. Caminha vagarosa, e pendida a frente. Os olhos vermelhos de chorar.) Meu pae!... é verdade?...

MORGADO.

O quê, minha filha? (*Silencio.*) Não te ficam bem esses vestidos pretos.

ELISA.

Não? que importa?... se eu estou de lucto.

MORGADO.

(Sempre affavel.) Por quem, Elisa?

ELISA.

Por elle... Luiz morreu.

MORGADO.

Filha! os Morgados de Vallindo só guardam lucto pela sua familia... e Luiz não era nosso parente; tu bem o sabes.

ELISA.

Era... Era mais, ainda... era o meu escolhido.

MORGADO.

(A' parte.) Para que affligil-a?! *(Crusa os braços triste.)*

ELISA.

Meu pae, e Luiz morreu... Matou-se, porque não poderia viver sem mim. Deixou de cumprir um juramento, porque não achou digna delle, d'aquelle coração, d'aquelle amor de poeta, a filha de um homem que o insultou, que o expulsou como a um infame.

MORGADO.

(Affavelmente reprehendedor.) Elisa!

ELISA.

Perdoe, meu pae! A viuva desesperada veio tirar um peso do coração... a filha humilde espera o castigo.

MORGADO.

(Abraçando-a.) Pois porque heide eu castigar-te? E porque me hasde tu affligir? Ambos soffremos bastante, para nossa punição: eu porque involuntariamente concurrei para a tua dôr; tu, porque serás a causa innocente da minha ruina... e da tua, que ficaremos pobres.

ELISA.

Eu sou a causa?

MORGADO.

Tu, filha. Quasi toda a minha fortuna todos os bens livres, e tu sabes que o morgadio é muito pequeno — todo o nosso haver o comprometti em fiança de um homem, de quem fui amigo, e que pagou a minha ami-

sade, faltando aos compromissos contrahidos debaixo de minha responsabilidade, e fugindo. Duarte de Moraes, solicitando-me a tua mão, teve resposta negativa, e forçoso foi explicar-lhe o motivo. — Eu não queria enganar-o; tu já não eras tão rica, tão dotada como d'antes. — Duarte de Moraes, então, formalisando-se, como um bom fidalgo, que o é, assegurou que haveria as escripturas a si e as inutilisaria. Em seguida repetiu o pedido da tua mão. Que fazer pois? Dei-lhe a minha palavra d'honra; fiz mal, talvez, mas dei-lh'a. *(Pausa.)* Querias ficar pobre... quasi pobre?

ELISA.

E que tem? Iremos para a Quinta Verde, em Calheiros; essa é do morgadio. Ali viveremos sós; longe de todos, o mundo nos esquecerá.

MORGADO.

Não; o mundo irá lá mesmo pedir-me conta das minhas acções. Eu serci appontado como um miseravel, que não tem honra, porque não teve palavra! Eis ao que tu me condemnas, filha.

ELISA.

Oh! meu pae! E como poderei fazer a felicidade d'aquelle bom homem, se elle foi a causa — innocente, sim, mas foi — do suicidio do meu Luiz?...

MORGADO.

Do teu Luiz! oh! filha, como me affliges com isso!... Elle era bom moço, era mesmo digno de ti... mas não era teu.

ELISA.

Não era?... pois era!

MORGADO.

Elisa! tu queres matar-me... Meu Deus! outra vez esta suspeita! Filha, não me faças duvidar de ti!

ELISA.

Eu?!

MORGADO.

Sim! Esqueceste-te, acaso, de que és filha dos Val-lindos? que és a herdeira de um nome antigo e sem mancha? deixaste-te arrastar pela paixão, desgraçada?... e... oh! filha!

ELISA.

(Abraçando-o e tapando-lhe a boca com a mão.) Ca-le-se! *(Desvia-se e deixa cair os braços. Longo silen-cio.)* Que motivo lhe dei eu para perder assim a sua consideração, e o seu amor?... porque é preciso não amar uma filha, para poder insultal-a.

MORGADO.

(Envergonhado.) Perdôa, Elisa; tu bem sabes quanto eu te amo. A dôr desvairou-me. Essa insistencia em não aceitar a mão do sr. Moraes...

ELISA.

(Energica, e como illuminada por um pensamento.) Ah!... Aceito!

MORGADO.

Não, filha, não te sacrificarás! seremos pobres; mas felizes; tanto, quanto, já agora, nos é possível na terra.

ELISA.

Não, *papá!* O sr. Moraes quer-me para sua filha; se existir um crime... o tempo denunciar-me-ha. Pois bem; para cumprimento da sua palavra, para desempenho da sua fortuna, e para prova da minha virtude... casarei!

MORGADO.

Filha!

ELISA.

Quero! serei feliz! *(Indo á mesa.)* A escriptura?

MORGADO.

(Aproximando-se á mesa, e preparando o papel para ella escrever: como que obedecendo.) Está aqui, filha.

ELISA.

(Escreve.) Assignei.

SCENA IX.

OS MESMOS E JOAQUIM.

JOAQUIM.

Sr. Morgado! sr. Morgado! o Balthasar vae-se embora, está por um triz!

ELISA.

Oh! meu Deus!

MORGADO.

Está lá algum medico?

JOAQUIM.

Sim, senhor; estão dous, á falta de um.

MORGADO.

Bem, eu vou já. Filha, volto logo.

ELISA.

Se eu pudesse ir ver o pobre Balthasar!

MORGADO.

E' impossivel; não convem lá uma senhora. Depois... a noite está escura e fria... E' bom que te recolhias ao teu quarto. Quando eu voltar dir-te-hei o que se tiver passado. *(Conduz-a á porta do F. E. A' parte.)* Salve-se o pae, já que perdi o filho. *(Sabe. JOAQUIM leva as luzes. A scena permanece vazia por um espaço razoavel. A orchestra toca em surdina.)*

SCENA X.

LUIZ.

(Entra da porta da D., caminha devagar e vae sentar-se.)
Por onde tenho eu andado!... nem sei!... sei que estou

aqui. Tinha-lh'o jurado, era preciso vir... vim. Senhor! se é uma má acção a que vou praticar, porque m'a não impedis? Eu edifiquei-me pela oração, antes de dar este passo, e o coração está tranquillo. Vi o cadaver de um desgraçado, que levavam á derradeira morada, e não tremi. Era um suicida. Algum opprimido, como eu, victima dos preconceitos sociaes. Soffreu o golpe, não pôde ver sangrar as feridas... teve coragem para se desprender da vida... matou-se! foi um valente!... Foi um covarde!... se a dor não valia o sacrificio da existencia, supportasse-a; se ella se avantajava á hediondez da morte, arrostasse-a e vivesse! Teria a victoria no conforto da religião, e a palma do combate nos applausos da consciencia! Foi um covarde... eu serei forte! quero viver, ou seja para fruir delicias, ou para soffrer martyrios! Quero viver, e tenho esperanças. Elisa quer ser minha... sêl-o-lia! O sr. Morgado expulsou-me, cobriu-me de insultos, abusou da sua posição superior— não a de fidalgo, que essa o não é; mas a de pae de Elisa. Oh! esse titulo vale um mundo de respeito — curvei-me a elle... e sahi; porque eu não sou um infame... *(Levanta-se.)* Um infame! Porque, meu Deus? porque amei aquelle anjo? porque sempre a respeitei? porque nunca a apertei ao seio, com um mau pensamento n'alma! porque jamais o veneno tocou, nem de leve, os labios que eu collocava em suas faces?... Ah! eu sou um infame? O valor de dois homens pôde ser aquilataado por um anjo... Pois bem, sr. Morgado de Vallindo! entre mim e vossa excellencia Elisa escolherá! *(Sahe da porta do F. E. um clarão, como á aproximação de uma luz. Luiz vê-o.)* Ah! vem alguém... será ella?... *(Vae occultar-se.)*

SCENA XI.

ELISA E LUIZ.

(ELISA vem ainda muito pallida, conduz na mão uma luz, que colloca sobre uma banca.)

ELISA.

Ah!... estou cansada de esperar! Nem a minima noticia!... e meu pae sem voltar! Mandarei perguntar-lhe se... (Volta-se e vai caminhando; dá com os olhos em LUIZ, que a contempla, recua, dando um grito, e avança logo a cahir-lhe nos braços.) Ai!... Luiz!..

LUIZ.

Elisa!... (Silencio.)

ELISA.

Tu estás vivo?! (Apalpa-lhe a cara, e abraça-o de novo.) Tu estás vivo!... tinham-me enganado!

LUIZ.

Elisa!... Eu tinha jurado que viria... vim.

ELISA.

Vens buscar-me? Sim, iremos; tu ainda me amas, tu amar-me-has sempre, meu Luiz!

LUIZ.

Oh! quanto!... quanto!... assusta-se a razão de pensal-o, não causa o coração de sentil-o!

ELISA.

Luiz!... (Permanece bem em frente d'elle com as mãos postas nos hombros de Luiz, contemplando-o. Silencio.) Tu sabes o que eu te vou sacrificar?

LUIZ.

Sei. O amor de teu pae, e o nome da tua familia.

ELISA.

E' muito, não é?

E' muito, Elisa.

LUIZ.

ELISA.

Pois não é. Tudo isso... é bem pouco para te provar o meu amor. Eu sacrifico-me por ti, como elles me que-riam sacrificar por elles.

LUIZ.

E serás minha, não é verdade?... hoje?

ELISA.

Hoje?...

LUIZ.

Sim, por ali. Buscarei uma escada, descerás pela janella, por onde eu subi; queres?

ELISA.

E viremos depois lançar-nos aos pés de meu pae, implorar-lhe o nosso perdão?...

LUIZ.

Viremos, Elisa!

ELISA.

Irei, Luiz! (*Dá um passo.*) Ah! quero escrever a meu pae; elle perdoar-me-ha. (*Vae á mesa, põe a mão e os olhos na escriptura do casamento, pega nella, deixa-a cahir sobre a banca, dá um grito.*) Ah!... não pôde ser!

LUIZ.

Elisa!

ELISA.

Luiz!... perdoa-me! Deus sabe que deves perdoar-me.

LUIZ.

O que, Elisa?!

ELISA.

Eu já não posso ser tua!

LUIZ.

Que dizes?!

ELISA.

Já não sou livre... assignei a escriptura!

LUIZ.

Ai!... coração, que não estalas! *(Silencio.)* Sr. Morgado de Vallindo, entre mim e v. ex. Elisa escolherá! *(Para si proprio.)* Já escolheu!

ELISA.

(Supplicante.) Perdoa-me, Luiz!

LUIZ.

Sim... Não! Deus te perdoe, que eu... não posso perdoar-te! *(Sabe.)*

(Elisa dá um grito, e volta-se, de forma que não vê sair Luiz.)

SCENA ULTIMA.

ELISA, E LOGO DEPOIS O MORGADO.

ELISA.

Meu Deus, meu Deus!... valei-me, se é um crime!
Sim!... eu vou... *(correndo para a porta do F. D.)* eu vou tambem! *(Reparando.)* Ah!...

MORGADO.

(A porta do F. D.) Aonde, filha? Quem estava aqui?

ELISA.

Ninguem! *(Está no meio da scena, em pé e com a cabeça pendida sobre o peito.)*

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO III.

Uma pequena sala em casa do Morgado. A' D. uma porta que vae para a rua. A' E. outra que communica com o interior da casa. Duas grandes cadeiras d'esteio, na E. baixa, deus aparadores. etc. Ao E. uma cortina, que tem de abrir-se para deixar ver um altar illuminado.

Scena vesia.

SCENA I.

LUIZ E BALTHASAR.

(LUIZ veste de preto; sobrecasaca abotoada e com rida; chapéu redondo, sempre na cabeça. Entra vagaroso. Barba rapada, e o cabello cortado. Rosto pallido e abatido. BALTHASAR veste casaca de abas curtas, azul ferrete, com botões amarellos; collete de panno da mesma cor, bem como os botões, calça curta do mesmo panno. Chapéu alto, grosseiro, mas novo.)

LUIZ.

E' aqui?

BALTHASAR.

Acho que sim... ou talvez seja na sala grande.

LUIZ.

Porém a capella?

BALTHASAR.

Pois não sabe que lhe cahiu um raio, ha cinco dias?... Sancta Barbara Virgem! n'aquella grande trovoad! Nem a menina pôde atravessar a eira com esta chuva. *(A' parte.)* Coitada! está bem mal!

LUIZ.

Não o sabia; ainda m'ò não tinham dito. *(A' parte.)* E' o castigo, que principia.

BALTHASAR.

Tem razão, ainda hontem chegou... Mas está por ahí tudo cheio ; admira que não ouvisse fallar nisso.

LUIZ.

Quem traz o coração adormecido, e a cabeça entregue a um projecto qualquer, tem os ouvidos cerrados a tudo.

BALTHASAR.

Mas, em fim, que é o que vae succeder?...

LUIZ.

Tem certeza de que ninguem me conheceu ?

BALTHASAR.

Tenho... Pois quem hade conhecer essa cara de cêra, que parece mesmo de um defuncto?! Se não fosse o meu coração dizer-m'o, nem eu a levinhava.

LUIZ.

Pois bem : eu venho aqui fazer a felicidade de todos : do Morgado, de meu pae, della e de mim. E' a minha vingança.

BALTHASAR.

Valha-me Deus!... Mas, *sôr* Luizinho, *vosscoria* não vê...

LUIZ.

(*Pegando-lhe na mão, e supplicando.*) Faz favor de me não tratar assim? Eu ainda sou seu filho.

BALTHASAR.

(*Abraçando-o.*) És, és. O que não pôde ser, não pôde ser. Aquella promessa em S. Francisco do Monte, em má hora foi feita !

LUIZ.

Meu pae, não blaspheme !

BALTHASAR.

Tens razão, filho. Deus me perdoe.

LUIZ.

Minha mãe o que lhe disse, quando morreu? Conte-me tudo, outra vez, desde o principio. Viu-a expirar? Minha pobre mãe!...

BALTHASAR.

Vi... se eu era tão seu amigo! Quando entregou a alma ao creador, estava nos meus braços!... *(Limpa uma lagrima, esforçando-se por occultal-a.)*

LUIZ.

Chore, chore, meu pae... pois porque não hade chorar?

BALTHASAR.

Tenho medo de te attligir, filho.

LUIZ.

Já não podem augmentar os meus soffrimentos... ou, antes, acabaram, para nunca mais voltarem. As lagrimas lavaram-me o coração, extinguiram-me a dor... a religião deu-me a paz e enxugou-me as lagrimas. Em vez de prantear a morte de minha mãe, reso por sua alma, e peço-lhe que interceda por seu filho... e por sua sobrinha!

BALTHASAR.

Deus te ouvirá, meu Luiz.

LUIZ.

Quando eu vi a luz do dia, quem me recebeu?

BALTHASAR.

Primeiro minha mulher, depois eu, depois tua mãe, que te apertou ao seio, como se te quizesse levar com ella...

LUIZ.

Para o ceu!... Antes levasse!

BALTHASAR.

Depois precisava de ir para casa, por que seu irmão não dêsse falta della. Foi, e sabe Deus o que lhe custou, e a mim, que a amparei no caminho, em quanto a minha companheira cuidava de ti. A sê D. Julia metten-se na cama, e eu lá disfareci conforme pude, dizendo ao sôr Morgado que tinha sido um accidente. Depois fui espalhar que a minha mulher tinha tido um filho, e tudo se arranjou, louvado Deus.

LUIZ.

E o sr. Duarte de Moraes?

BALTHASAR.

Teu pae... estava em Lisboa, havia trez mezes, e nem uma carta escrevia à pobre menina! No outro dia, quando tua mãe ia indo melhor um bocado, vem a noticia de que o sôr Duarte se ia casar! Aquillo foi como quem lhe deu com um malho rodeiro no coração! Pediu-me papel e tinta, e escreveu uma carta pequenina, que leu alto, para eu ouvir, e me deu para deitar no correio. Estava eu só ao pé della. Disse-me que a mandasse depois da sua morte. Queria-te abraçar. Isso não era possível, que então tudo se descobria. Disse-me que só me regulasse pelo que ella tinha escripto ao sôr Moraes, e deu a alma a Deus, fallando em ti!

LUIZ.

E a carta?... lembra-se? *(Limpa furtivamente uma lagrima.)*

BALTHASAR.

Das palavras? Ora espera... Heide lembrar; isto são coisas que não esquecem... *(Como recordando-se.)* Dizia ella que... quando o sôr Duarte recebesse aquella carta já a sê D. Julia não seria do mundo; que, já que a tinha tirado tão para fóra do seu coração, não fizesse o mesmo ao seu filho, que era a só lembrança do seu amor; que havia cinco annos passados que elle tinha feito uma jura em riba de uma cruz de ouro, que foi da senhora sua

mãe; — a tua *avósinha*, Luiz, que era uma santa morgada; Deus a veja! — Que havia o *sór* Duarte de estar outros cinco annos sem ver o seu filho, que depois lhe havia de entregar o derradeiro presente d'ella... (*Pensando.*) Ora, espera... a ver se me lembram estas palavras, taes e quaes... ah! lá vae: « O meu ultimo presente... é... é o signal da redempção, e do martyrio... é... a cruz do juramento... » Ora ahí está.

LUIZ.

E essa cruz?

BALTHASAR.

Está aqui. (*Abre o peito da camisa, e mostra-a, pendurada por um cordao de cabello. Tira-a, e entrega-a a Luiz.*) Toma!

LUIZ.

(*Beijando-a, commovido, repetidas vezes.*) O derradeiro presente de minha mãe! (*Triste.*) Para elle!... E para mim? Ah!... este cabello...

BALTHASAR.

E' della. Deu-m'o, para seu filho!

LUIZ.

Ah! minha mãe! minha mãe! Tu não podias esquecer-te de mim! (*Longo silencio.*)

BALTHASAR.

Luiz, tens vinte e uma primaveras; ha dezeseis annos que devia ter desenganado este mundo, entregando-te a teu pae... mas Deus o não permittiu. Aquella promessa em S. Francisco não nos deixou obedecer a tua mãe. Eu quiz quebrar o voto; mas podias morrer-nos... tive medo do castigo, filho; o ceu é justo!

LUIZ.

E'... e o ceu tinha determinado que eu vingasse minha mãe seduzida. Não era a creança de cinco annos quem poderia vingal-a.

BALTHASAR.

Cumprirás a ultima vontade d'aquella infeliz?

LUIZ.

Cumprirei.

BALTHASAR.

E depois... que faremos, filho?

LUIZ.

Nada.. e teremos feito tudo.

—

SCENA II.

OS MESMOS E JOAQUIM.

JOAQUIM.

(Uniformisado.) Ora, não ha remedio; vae principiar a parada geral. *(Reparando.)* Espera... Oh! Luiz!... *(emendando-se)* oh! sr. Luizinho! v. s. está vivo?!

LUIZ.

Estou, primo.

JOAQUIM.

Primo! Então v. s. não é fidalgo?!

LUIZ.

Não... não o quero ser... heide ser mais do que isso.

JOAQUIM.

Mas... v. s. não é filho do sr. Duarte?

LUIZ.

(Depois de vacillar um momento.) Sou... mas silencio; que ninguem o saiba, e que todos ignorem que eu estou aqui. Promette, Joaquim?

JOAQUIM.

Palavra de soldado! Vale tanto como a do rei, que me deu esta cruz. *(Põe a mão no peito, sobre a condecoração da Torre e Espada.)*

LUIZ.

(Apertando-lhe a mão.) Bem, eu já o sabia. Meu pae, vou preparar-me.

BALTHASAR.

(Abraçando-o.) Pois vae, filho. *(Luiz vae sahindo.)*

JOAQUIM.

(Bairo a Balthasar.) Ouves? dize-lhe que venha de casaca; lá em cima todos andam de grande uniforme.

BALTHASAR.

Elle já o sabe.

SCENA III.

BALTHASAR E JOAQUIM.

JOAQUIM.

Ora dize-me uma coisa: porque diabo lhe chamas tu ainda filho?

BALTHASAR.

Porque elle o é.

JOAQUIM.

Ora essa!... pois não me disseste ante-hontem, de baixo de todo o segredo, que...

BALTHASAR.

E então que tem? O outro enganou a mãe, eu eriei o filho. Qual de nós vale mais? qual é seu verdadeiro pae? qual lhe quer mais cá de dentro?... Pois elle não m'o disse... o Luiz... quando lhe eu fiz a mesma d'urida?

JOAQUIM.

Ah!... lá se t'o disse, é porque é. Mas.. para que quer elle encobrir-se agora, que era boa occasião de apunhar a moça?... porque, no fim de historias, depois d'ella casada, não é que se ha de remediar o mal.

BALTHASAR.

Não sei... sim... elle lá sabe o que faz.

JOAQUIM.

Ah! já dei no vinte!

BALTHASAR.

O que é, então?

JOAQUIM.

Dize-me, primeiro: por onde andou elle desertado?

BALTHASAR.

(*Enfastiado.*) Ora... foi a... foi lá á sua vida.

JOAQUIM.

Espera, homem; não deixes arder a escorva antes de tempo. O moço, sabendo que é filho de quem é, porque artes so hoje é que vem?

BALTHASAR.

Porque só hontem voltou, e só hoje eu lhe disse tudo. Ora ahí está.

JOAQUIM.

(*À parte.*) Tu não te queres desentrincheirar!... (*Alto.*) Ora vem cá, meu velho, um homem deve ser razoavel. Como é isto! elle deitou-se a afogar, appareceu o corpo já sem cabeça, enterrou-se... e o rapaz está vivo!... Aqui anda arte de *berliques e berloques!*

BALTHASAR.

Ainda agora tu vens com isso! Pois não vias logo, que não sendo este, — leuado Deus. — foi o sobrinho do regedor do Darque?

JOAQUIM.

Ah! Ora, se elle não morreu... e se...

BALTHASAR.

(*Muito zangado.*) E se... e se... e se... Ora, tu, que és mais curioso do que a tia Anna bruxa!

JOAQUIM.

(*A' parte.*) Temos explosão.

BALTHASAR.

(*A' parte.*) Vem lá com as tuas, a ver se pilhas! *Bô!*

JOAQUIM.

Pois, Balthasarzinho, isto foi o demonio!

BALTHASAR.

(*A' parte.*) Foi...

JOAQUIM.

Porque... se tu, quando o sr. Morgado fez o *destampatorio*, lhe vaes logo dizer...

BALTHASAR.

Jezus! calla-te, boca!

JOAQUIM.

Mas nada... não sahiste de traz do parapeito...

BALTHASAR.

(*Zangado.*) Ora, faz favor de não arrazoar mais! Oh! com as maleitas! (*Põe o chapéu na cabeça, e dá alguns passos para o F.*)

JOAQUIM.

Devagar, devagar! tira lá a barretina, que estão ali as cruzes!

BALTHASAR.

(*Firando muito depressa o chapéu.*) O que!... onde estão?

JOAQUIM.

Ali, detraz d'aquella cortina.

BALTHASAR.

Deus me perdoe, que eu não sabia.

JOAQUIM.

Pois quem não vê não pecca. (BALTHASAR *vae espreitar para dentro do altar pela abertura das cortinas. A' parte.*) Anda, que tu não te rendes, mas eu já sei tudo. O rapazito salta ao campo na occasião em que o pae fôr jurar bandeiras, mostra a patente de filho do sr. Duarte, é reconhecido aspirante a official, despachado logo e toma conta da fortaleza, depois de ter assentado praça no batalhão dos homens serios. E'... não é outra coisa.

SCENA IV.

OS MESMOS E DUARTE DE MORAES.

DUARTE.

Bom dia, Balthasar.

BALTHASAR.

A's ordens de vosseoria, sr Duarte.

DUARTE.

Estás melhor?

BALTHASAR.

Graças a Deus...

DUARTE.

O golpe foi duro; porém conformemo-nos com os Decretos do Altissimo.

BALTHASAR.

(*A' parte.*) Valha-me Deus!

DUARTE.

Eu era muito amigo d'aquelle pobre Luiz ; não sei o que me attrahia para elle.

BALTHASAR.

(*l' parte.*) Calla-te, boca!

DUARTE.

Joaquim, já veio o padre?

JOAQUIM.

Não, senhor. O senhor Abbade disse que não podia vir, por estar de cama, porém que mandaria outro, da fileira supra-numeraria.

DUARTE.

Bem ; váe dizer ao sr. Morgado que eu logo subirei para a sala grande.

JOAQUIM.

Sim, senhor, eu lhe dou parte.

SCENA V.

BALTHASAR E DUARTE DE MORAES.

DUARTE.

(*Sentando-se.*) Balthasar, senta-te. (BALTHASAR tem dado um passo para sahir e está ainda vacillando.)

BALTHASAR.

Agradecido, *sôr* Duarte ; eu estou bem assim.

DUARTE.

Senta-te.

BALTHASAR.

Em cortezia, *sôr* Duarte...

DUARTE.

Fazes favor de te sentar?

BALTHASAR.

Em fim, *vosseoria* manda... (*1.ª parte.*) D'esta vez é que vac tudo; faço confissão geral. (*Senta-se.*)

DUARTE.

Luiz era um moço virtuoso, de muito talento e amigo do estudo. D'aquella idade, era já profundo em algumas materias; naquella peito batia um coração de poeta, que o era de muito genio. Na carreira, a que o destinavas, podia ir muito adiante, cursando a Universidade para formar-se em Theologia. Mas era de uma imaginação a dente; facil em acreditar a ventura, ou em desesperar da sorte; coloria o horisonte com o iris da illusão, e emnegrecia-o com as sombras do desalento. Nesta muita vida achou elle a morte; e a meio deste mar de luz deixu-se precipitar. (*Até certo ponto BALTHASAR presta uma attenção estúpida, depois impacienta-se um pouco.*)

BALTHASAR.

(*Impaciente por fallar.*) Mas, *sôr* Duarte, *vosseoria* não sabe...

DUARTE.

(*Atalhando-o.*) Eu sei tudo, porque Elisa tudo me disse. E porque não? Que muito é que a um amigo, a um pae, se abra o coração de uma filha! Foi tarde, sim, foi tarde. Eu teria remediado o mal. O Morgado cederia às minhas palavras, que feriam, pelo menos, o valor da verdade, e essa vale muito. (*Levantam-se.*)

BALTHASAR.

(*Impaciente.*) Mas, *sôr* Duarte, queria eu dizer...

DUARTE.

(*Atalhando-o.*) O que?... Que o Morgado é rico? Teu filho sêl-o-hia tambem. Que é cioso da sua nobreza de sangue? Teu filho tinha-a de coração! Que mais?...

BALTHASAR.

(*Impaciente.*) Mas, *sôr* Duarte, o Luiz...

—

SCENA VI.

OS MESMOS E O MORGADO.

MORGADO.

Venho pedir-lhe para subir; é Elisa quem me envia.

DUARTE

Obrigado a v. ex. (*Apertam as mãos*)

BALTHASAR.

(*A' parte.*) Safa! por trez vezes estive, mesmo, por um triz... (*Respira forte.*)

MORGADO.

Bom dia, Balthasar, estás melhor?

BALTHASAR.

Vou indo, *sôr* Morgado, muito agradecido.

MORGADO.

Então... vens á festa?

BALTHASAR.

Que remedio!

DUARTE.

(*Bairo ao Morgado.*) A felicidade não está aqui para todos. Subamos.

SCENA VII.

BALTHASAR E DEPOIS JOAQUIM.

BALTHASAR.

Ora, a fallar a verdade, eu não entendo muito bem o tal negocio !... Este fallou-me que... o Luiz diz que... o Joaquim a modo que... Isto.. aqui anda dente de coelho...

JOAQUIM.

O' Balthasar! e que te parece do meu amigo padre?! Até agora, nada de novo!

BALTHASAR.

Elle virá. E' impossivel que falte.

JOAQUIM.

Certamente. Este é que está no caso de dizer: « Se lá não vou, não se faz a festa. » Pelo sim, pelo não, eu irei ver o que é preciso, para depois vir accender o murrão.

BALTHASAR.

Olha, vem cá.

JOAQUIM.

Que é?...

BALTHASAR.

Tu sabes como é este casamento?

JOAQUIM.

Ora, se sei! Faz-te innocente!... tu não sabes!

BALTHASAR.

Sei... sei que a *sêra* Morgada se casa, porque ..

JOAQUIM.

Ora, porque... porque ella muito bem quer.

BALTHASAR.

Tu tens certeza d'isso?

JOAQUIM.

Oh! ora, se tenho!... Pois já o pae, e o sr. Duarte quizeram mandar *desensarilhar*, e ella não quiz.

BALTHASAR.

Mesmo por gosto?

JOAQUIM.

Homem, isso agora é que eu não posso dizer. Elle parece-o; ora, de parecer para ser ainda vão *distancias inteiras*...

BALTHASAR.

Bem; arranja lá a tua vida.

(JOAQUIM *sahé para a E.* BALTHASAR *vae a sahir para a D.* e encontra-se com LUIZ. *Este veste da mesma maneira que na primeira scena.*)

SCENA VIII.

BALTHASAR E LUIZ.

BALTHASAR.

Ainda assim, Luiz?

LUIZ.

Estou prompto, meu pae.

BALTHASAR.

Porem ainda não vestiste a...

LUIZ.

Trouxe tudo; é só despir a sobre-casaca.

BALTHASAR.

Bem está, bem está.

LUIZ.

Via-a, meu pae?

BALTHASAR.

Quem, filho? A *sêra* Morgada?

LUIZ.

Sim, ella.

BALTHASAR.

Homem, ainda d'aqui não sahi; mais diz o Joaquim que...

LUIZ.

O que? Diga... diga...

BALTHASAR.

Oha, eu acho que o melhor é acabar isto d'uma vez, porque...

LUIZ.

Não, diga o que soube do Joaquim.

BALTHASAR.

Ora, que havia de ser, filho? O que estava bem de ver. O *sôr* Morgado já quiz desfazer tudo, mas a menina quer casar por força.

LUIZ.

Por força! Ella?... Elisa?...

BALTHASAR.

Sim, sim, tua Prima, pois então? ou ella não fosse mulher...

LUIZ.

Ella quer... por força! ha muito o sabia eu! (*Para si proprio.*) A minha carta...

BALTHASAR.

Que carta, filho?

LUIZ.

Nada... Ahi vem gente. (*Sahe com BALTHASAR, pela D.*)

SCENA IX.

**O MORGADO, ELISA, DUARTE DE MORAES; E MAIS TARDE
JOAQUIM.**

(ELISA vem no meio dos dois, que a conduzem a uma cadeira. — Está muito abatida.)

MORGADO.

Não te sentes melhor, filha?

ELISA.

Estou boa, meu pae.

DUARTE.

Para que nos quer enganar? ainda não está boa de todo.

ELISA.

Estou quasi.

MORGADO.

(Trazendo Duarte ao lado.) Desde aquella noite em que a ouvi dizer: « Eu vou tambem » nunca mais a febre a deixou.

DUARTE.

Era já o delirio, talvez.

MORGADO.

Não sei; não responde nada, se a interrogam.

DUARTE.

Em todo o caso, é mau insistir em concluir o casamento. Se bem que será só minha filha, e ficará connosco, é sempre uma commoção.

MORGADO.

Ella quer...

JOAQUIM.

Senhor Morgado, está lá na porta de cima um sobrinho do sr. Abbade, que deseja fallar a v. ex. e mais ao

sr. Duarte. (*Vae metter-se dentro das cortinas, e accender as vellas do altar.*)

MORGADO.

Filha, nós vimos já, sim?

ELISA.

Sim, meu pae.

DUARTE.

Adeus, Elisa?

ELISA.

Até já, meu amigo. (*Estende-lhe a mão.*)

— — —
SCENA X.

ELISA.

Já passou um mez, só um mez! Como vae pesado o tempo! (*Pausa.*) Aquella noite... eu ia... Deus o não quiz; era um crime... e, por não commetter um crime, deixei-o morrer! A invenção do atogado foi um triste presagio... um mau agouro! Tinha de ser... e foi!... (*Tira do seio uma carta.*) E' frio este adeus... é... sente-se do gelo da sepultura. (*Lé.*) « Morro para ti, como já havia morrido para o mundo » E é tudo... e é só quanto me diz. (*Longa pausa, mette o papel no seio.*) Joaquim?

JOAQUIM.

(*Sahindo detraz das cortinas.*) Sra. Morgada!

ELISA.

Não tem nada que me dizer?

JOAQUIM.

Eu?... Que seja para sua felicidade, minha senhora.

ELISA.

Sim... Mas não sabe nada... delle?

JOAQUIM.

De quem? do Balthasar?

ELISA.

Não... do... do Luiz.

JOAQUIM.

(*A' parte.*) Mau! (*Alto.*) Pois não hei de saber? O que todos sabem...

LUIZ.

Viu-o... morto?

JOAQUIM.

Vi, minha senhora... (*A' parte.*) Vivo! Estou capaz de lh'o dizer!... (*Tem levado a mão ao peito, e toca na condecoração.*) Não! dei a minha palavra de soldado, sobre esta cruz!

ELISA.

(*Para si propria.*) Morto!... por mim!

JOAQUIM.

Quer Deus que a sra. Morgada esteja melhor, para se fazer o casamento, que é tanto do seu gosto. Ainda bem!... (*Silencio.*) Pois eu vou dar a ultima revista a estes utensilios... (*Vae andando para as cortinas.*)

ELISA.

Sim... eu vou casar... hoje. Amanhã seria tarde, talvez. Se eu morrer, terei desempenhado a palavra de meu pae, e a sua fortuna; e se eu viver... quero ser filha d'aquelle bom amigo, para que me não obriguem a ser esposa de outro homem. (*Francisco vem colocar junto ás cortinas uma almofada de veludo.*)

SCENA XI.

ELISA, JOAQUIM, BALTHASAR E LUIZ.

BALTHASAR.

(*Baixo a Luiz.*) Anda! (*Vem adiante de Luiz, como puxando-o.*)

LUIZ.

(*Depois de dar um passo.*) Não! (*A' parte.*) Calla-te, coração! E' muito cedo! (*JOAQUIM abre as cortinas, e apparece o altar illuminado. Ao ruido, Luiz olha.*) E' muito tarde!... (*Sahe, BALTHASAR segue-o, JOAQUIM sae tambem.*)

SCENA XII.

ELISA, DEPOIS BALTHASAR, DEPOIS DUARTE.

(*ELISA, ao ruido das cortinas, tem estremeccido, depois olhado, e erguendo-se, vae silenciosa ajoelhar-se na almofada.—A orchestra toca em surdina.—BALTHASAR, um momento depois, entra, e vae ajoelhar-se por traz de ELISA, a distancia. Prolonga-se a duracao do quadro. BALTHASAR ergue-se, vendo levantar ELISA; esta volta-se, e dando com os olhos em Balthasar, abafa um ai, e abraça-o, pousando a cabeça no hombro do velho. DUARTE DE MORAES entra, e vendo-os assim, pára, e contempla-os um momento. ELISA, levantando a cabeça, e dando um suspiro, permanece em pé, vergando a fronte sobre o peito. BALTHASAR desvia-se, enrugando os olhos. DUARTE vae respeitosamente pegar na mão de ELISA, que, estremeccendo, levanta os olhos para elle.*)

DUARTE.

(*Beijando-lhe a mão.*) Que sua alma reciba o abraço do pae, e o beijo do amigo! (*Indica o ceu. ELISA abaixa os olhos, caminham ambos para a boca da scena.*)

BALTHASAR.

(*A' parte.*) O abraço do amigo, e o beijo do pae! (*Appontando-o.*)

SCENA XIII.

OS MESMOS, O MORGADO, JOAQUIM, FRANCISCO, CRIADOS E CRIADAS.

MORGADO.

Chegou o sacerdote. Esperemos, que o sobrinho do Abbade venha, para ser a sua testemunha: *(Para Duarte.)* Eu serei o padrinho de minha filha.

DUARTE.

E Balthasar será o meu padrinho. *(Aperta a mão de Balthasar.)*

BALTHASAR.

Obrigado, meu fidalgo!

ELISA.

(Está entre o MORGADO e DUARTE.) Meu pae! *(Para o Morgado.)* Meu pae! *(Para Duarte.)* O meu coração tem um vacuo... cabe lá muito amor filial.

BALTHASAR.

E a bençãam de Deus!

DUARTE.

E a felicidade de um homem!

(Caminham, ajoelham ambos. O PADRE apparece á porta da E.)

SCENA FINAL.

OS MESMOS, UM SACERDOTE, E LOGO DEPOIS LUIZ.

MORGADO.

Ahi está o ministro de Deus. *(ELISA e DUARTE levantam-se, vem para a boca da scena, dando as mãos. Todos poem os olhos no chão, com solemne respeito. O PADRE*

vae ajoelhar-se. *Momento de expectativa. LUIZ entra da D., colloca-se por traz dos conjuges, entre elles, sem ser visto pelas personagens que figuram no drama. Os comparsas, que o vêem, fazem movimento de admiração. LUIZ é padre, veste capa, batina, e barrete.*)

LUIZ.

(Recitando a formula sacramental do juramento.) Eu, D. Elisa de Vallindo... *(Todos tremem.)*

ELISA.

(Erguendo a vista.) Luiz! *(Dá um passo, para se precipitar em seus braços. Luiz faz-lhe signal, com a mão, para que suspenda. ELISA cabe nos braços do pae.)* Ah!...

MORGADO.

Filha!

DUARTE.

Luiz!... Tu!

LUIZ.

(Entregando-lhe a cruz de ouro sem o cordão.) E' a cruz do juramento!

DUARTE.

Meu filho! *(Luiz faz-lhe signal, com a mão, para que suspenda.)* Perdão! *(Luiz aponta-lhe para o ceu, como indicando sua mãe.)*

MORGADO.

Elisa!... *(ELISA faz um esforço.)* Morta!

(Luiz deita os braços aos hombros de BALTHASAR, e esconde a cabeça no seio do velho.)

FIM.

ERRATAS ESSENCIAES.

PAG.	LIN.	ERROS :	EMENDAS :
17, 20	3, 6	fucturo	futuro
21	entre a 2 ^a e 3 ^a	linha falta a palavra	BALTHASAR
23	2	chaile	chale
30	16	encommodo	incommodo
59	8	cappellão	capellão
62	15 e 16	advinhava	adevinhava
63	22	(Alvorçado)	(Alvorçado)
64	14	não quero lhe	não quero que lhe

N. B. Alguns dos termos viciados, na linguagem do camponez BALTHASAR, como « est'oitro » a pag. 23, lin. penultima; « retholicas » a pag. 24, lin. 27, etc.—acham-se em redondo, por engano.